Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO,

EDUCAÇÃO E INCLUSÃO ESCOLAR – UAB/UnB

PERCEPÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO DE CASO

MARIA IVONETE CORREIA PASSOS

ORIENTADORA: FERNANDA DO CARMO GONÇALVES

BRASÍLIA/2011

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS

MARIA IVONETE CORREIA PASSOS

PERCEPÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Depto. de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP - UAB/UnB

Orientadora: Fernanda do Carmo Gonçalves

BRASÍLIA/2011

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA IVONETE CORREIA PASSOS

PERCEPÇÃO FAMILIAR E ESCOLAR SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UM ESTUDO DE CASO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UAB/UnB. Apresentação ocorrida em 30/04/2011.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

_____

FERNANDA DO CARMO GONÇALVES

_____

ANA CLAUDIA FERNANDES

MARIA IVONETE CORREIA PASSOS

BRASÍLIA/2011

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos: Isaías, Álvaro e Maurício, ao meu esposo Antonio e à minha mãe Izabel, pessoas enviadas por Deus para me fazer ter força e continuar na caminhada. Dedico também, de uma maneira especial, à todas as crianças com necessidades educacionais especiais. A todos, o meu abraço carinhoso..

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a DEUS por me conceder a vida, me iluminar com a luz do Espírito Santo para me fortalecer em todos os momentos, principalmente nos mais difíceis.

À minha orientadora Fernanda do Carmo enviada por Deus para me ajudar a superar os traumas adquiridos na vida escolar em relação à escrita.

À minha família, especialmente meu esposo Antonio (Noé), pela paciência e compreensão nas horas em que me ausentei para conseguir realizar este trabalho.

Agradeço de maneira especial às professoras: Mariene de Sousa Araujo, Sílvia das Chagas Oliveira, Viviane Cardoso, Cristina Cerqueira e Edna Ramos Lopes, monitor Bruno e demais colegas que muito contribuíram para a realização desse estudo.

Aos meus colegas: Rejane Chagas, Luzimar Nogueira, Lourdes Monjardim, Klivis Barbosa, Silvana Nobre e a todos que, de alguma forma, me incentivaram a chegar até aqui. Muito obrigada. Que o Senhor os abençoe.

RESUMO

Nos últimos anos, a educação inclusiva tem sido considerada de suma importância em uma sociedade democrática. No entanto, o despreparo dos profissionais da área, o pouco investimento público no sentido de ofertar cursos de formação, a falta de acompanhamento familiar são alguns exemplos de dificuldades encontradas no dia a dia. Nesse sentido foi realizado um estudo de caso de um aluno com deficiência intelectual a fim de comparar as percepções das pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem. Os objetivos específicos dessa pesquisa foram: investigar o histórico de desenvolvimento da criança desde a gestação até o momento presente por meio de documentos e relatos familiar; conhecer e comparar a percepção que a família, a professora atual, os professores anteriores, a professora da sala de recursos e o monitor possuem acerca do desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual; investigar as expectativas que a família tem acerca do potencial e do futuro do filho. Participaram desta pesquisa a mãe da criança em estudo, quatro professores (atuais e anteriores), um monitor de sala e a vice-diretora da instituição. Foi utilizada a entrevista semiestruturada como instrumento de construção de dados. Resultados indicaram que os professores se sentem despreparados, porém procuram sempre oferecer o melhor de si para conseguir algum resultado positivo, a demora no diagnóstico de uma criança com deficiência dificulta o trabalho pedagógico como também a garantia dos seus direitos. Em relação às percepções dos envolvidos no processo de desenvolvimento da criança, observou-se, segundo fala dos participantes, que ele apresenta maior interesse por objetos tecnológicos e que emite som, todos observaram um pequeno potencial, contudo nem sempre sabem intervir no sentido de auxiliá-lo, inclusive a família. As expectativas para o futuro são grandes por parte da família, enquanto os professores sonham com uma criança socializada, devido a inconstância no seu comportamento e por apresentar muitas limitações físicas, sociais e cognitivas. Resultados indicam que apesar de todos os recurso e estratégias usadas no processo de ensino-aprendizagem com o aluno, suas atitudes são poucos satisfatórias no relacionamento com os outros, necessitando de mais interações sociais.

Palavra chave: educação inclusiva, deficiência intelectual, percepção.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS..... 05

RESUMO..... 06

APRESENTAÇÃO..... 09

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Um pouco da história da inclusão no Brasil..... 11

1.2. A escola como espaço social..... 13

1.3. A deficiência intelectual no contexto escolar..... 16

1.4. Família como principal parceira da escola..... 21

2. OBJETIVOS 24

3. METODOLOGIA..... 25

3.1. Contexto da pesquisa..... 25

3.2. Participantes..... 27

3.3. Materiais..... 30

3.4. Instrumentos..... 30

3.5 Procedimentos de construção de dados..... 30

3.6. Procedimentos de análise dos dados..... 31

4. RESULTADOS

4.1. Visão da família da criança..... 32

4.2. Visão da professora atual e o monitor..... 35

4.3. Visão da direção da escola..... 37

4.4. Visão da professora da sala de recursos..... 38

4.5. Visão das professoras anteriores..... 39

5. DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS..... 42

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Introdução..... 48

6.2. Resumo..... 48

6.3. Recomendações para futuros estudos..... 49

7. REFERÊNCIAS..... 50

8. APÊNDICES

8.1. Entrevista para a família..... 52

8.2. Entrevista para a professora atual e o monitor..... 55

8.3. Entrevista para a direção da escola..... 58

8.4. Entrevista para a professora da sala de recursos..... 60

8.5. Entrevista para as professoras anteriores..... 61

ANEXOS

A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo)..... 64

B –Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Professor (Modelo)..... 66

C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Pais (Modelo)..... 67

APRESENTAÇÃO

Atuo na área de educação há 19 anos. Destes, 15 anos são na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF. Durante esse período tive a oportunidade de trabalhar com várias turmas do ensino fundamental, desde a alfabetização até a 4ª série, atual 5º ano. Juntamente com a implantação da educação inclusiva surgiu a necessidade de conhecer a proposta e buscar qualificação para melhor atender as expectativas da inclusão. A inclusão representa mais um desafio na educação, portanto é preciso conhecer a realidade da inclusão dentro da escola, para que esse direito seja garantido com qualidade. Em especial, nesse trabalho será realizado um estudo de caso com um aluno com diagnóstico de deficiência múltipla. O aluno pesquisado apresenta uma relação afetiva com todos os funcionários da escola. Embora ele não tenha sido "meu aluno" literalmente, trabalho junto com suas professoras, como apoio da coordenação pedagógica, há dois anos e este caso me chama muita atenção. Daí a minha motivação para esse tema de pesquisa.

A inclusão é um processo social, porém ainda não é reconhecida e defendida pela sociedade como deveria. Ela precisa acontecer em todos os níveis para que o ser humano possa ter o seu desenvolvimento pleno, sendo respeitado, valorizado e amado dentro das suas limitações com igualdade de oportunidades.

A pessoa com deficiência múltipla apresenta mais de uma deficiência como: dificuldade na fala, visão, audição, lesão cerebral, mobilidade física, perdas sensoriais etc. e, portanto faz-se necessário contar com agentes externos como: terapeutas, médico e principalmente a família e profissionais da educação para garantir maior apoio no desenvolvimento desses indivíduos. De acordo com a regulamentação do atendimento educacional especializado, art.60 da Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e no art. 9º, &2º, da Lei Nº. 11.494, de 20 de junho de 2007, decretado no art. 2º e do art. 3º, fica claro que a inclusão educacional é um processo que não se faz de forma isolada, sendo necessária a participação e cooperação de professores/direção/ família/comunidade e setores institucionais da educação e outros órgãos de outras políticas públicas. Só após estudos, teorias e observações pode ser possível compreender e consequentemente colaborar no desenvolvimento da pessoa com necessidades educacionais especiais.

A sociedade deve tratar a todos os seres humanos com liberdade e igualdade, respeitando as diferenças. Daí a importância de investigar as percepções das pessoas envolvidas no processo de desenvolvimento da criança com deficiência intelectual. De acordo

com Monteiro (2004) a educação inclusiva deve basear-se em princípios tais como: a preservação da dignidade humana, a busca da identidade e o exercício da cidadania. Para isso é imprescindível que sejam desenvolvidas ações no ambiente escolar, na família e na comunidade.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como foco principal investigar como se dá a percepção dos vários atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem da criança com deficiência múltipla. Trata-se de um aluno com diagnóstico de convulsões epilépticas e comprometimento do lado direito (hemiplegia) consequentemente deficiência intelectual. Para tanto foram realizadas entrevistas individuais com todos os professores que trabalharam e os que trabalham com o aluno, o monitor (que acompanha o aluno em sala de aula, uma hora, três vezes por semana), a professora da sala de recursos, a direção da escola e a mãe. Assim tem-se a possibilidade de perceber, em uma visão global, as facilidades e dificuldades encontradas por esta criança em seu cotidiano, tendo em vista a compreensão do seu processo comunicativo, relacionamento com o próximo e o desenvolvimento da suas potencialidades.

Para alcançar os objetivos propostos estruturou-se esta pesquisa em seis grandes capítulos. No primeiro capítulo foi apresentado a revisão de literatura observando o contexto atual dos alunos com necessidade especiais no ensino regular e de maneira especial a inclusão do aluno com deficiência intelectual – D.I na visão de Vigotski, Luria, Padilha, Carvalho entre outros. O segundo capítulo é referente aos objetivos gerais e específicos da presente pesquisa, bem como questões de pesquisa sobre a deficiência intelectual. O terceiro capítulo apresenta o referencial metodológico, os instrumentos e os participantes com vistas a atender os objetivos propostos. O quarto capítulo diz respeito aos resultados onde foram descritas as entrevistas. O quinto capítulo demonstra os resultados que foram discutidos à luz da revisão teórica nesse estudo. Por fim, o sexto capítulo, considerações finais, foram apresentados os principais achados nesse estudo, bem como reflexões acerca de familiares e educadores sobre a deficiência intelectual e sugestões para pesquisas futuras.

Pretende-se com esse estudo observar o que acontece no contexto da criança pesquisada e como se dá o seu desenvolvimento, na intenção de escolher os melhores métodos que facilitem a sua aprendizagem.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 - Um pouco da história da inclusão no Brasil

A inclusão escolar no Brasil vem sendo discutida há muito tempo, embora sobre moldes importados. Teve início com o isolamento das pessoas com necessidades especiais em asilos e manicômios. As pessoas com deficiência eram rejeitadas e consequentemente sacrificadas, depois se transformou em compaixão, proteção e filantropia. Os prejuízos do isolamento e da marginalização da minoria passaram a ser preocupação da sociedade e dos movimentos sociais pelos direitos humanos. É o começo das classes especiais nas escolas regulares paralelamente ao sistema de educação geral. Estas classes surgem separando os alunos "normais" e "anormais" com a finalidade de organizar salas de aula homogênea. Com a homogeneização pretendia-se padronizar os indivíduos, porém cria-se assim o processo de "exclusão". É importante ressaltar a criação de uma pedagogia "especial" citada por Maciel e Barbato onde se organiza um jogo contraditório em que as pessoas com desenvolvimento atípico são aprisionadas

> [...] em determinadas circunstâncias, lhes são atribuídas características especiais para dirigir-lhes tratamento, proteção e assistência, (mas ao mesmo tempo) criar ao redor uma rede de relações de dominação e de poder, na qual o indivíduo tratado, protegido e assistido é inferiorizado e normalizado por conta de sua anormalização que justifica a criação desta estrutura. (ROSS, 2000, Apud MACIEL 2010 p.56).

A Constituição de 1934 apresenta a responsabilidade sobre educação afirmando que a educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos [...]. A partir daí cresce o número de escolas públicas, mas o número de crianças com deficiências ainda é minoria. Somente a partir da década de 1970 tem-se um aumento significativo das classes especiais, principalmente para alunos com deficiência mental.

Daí surge a proposta de integração escolar que tinha como meta dá acesso a todas as crianças com deficiência ou não nos programas educacionais. Mendes (2006) em seu artigo escrito para a Revista Brasileira de Educação utiliza-se das palavras de Will (1986) defendendo que todos os alunos deveriam ser inseridos nas classes comuns, sem descartar a necessidade de manutenção dos serviços de ensino especial separado (Rev. Bras. Educ. Vol 11 nº. 33).

A educação inclusiva prevê a participação de todos os estudantes no ensino regular, sejam índios, brancos, negros, pobres, ricos, deficientes etc. A existência de várias culturas

em uma determinada localidade pode ser chamada de multiculturalismo. Ao pensar multiculturalismo como uma tendência democrática capaz de aceitar o outro com suas diferenças, constata-se que não existia esse respeito à diversidade. E respeitar significa aceitar o que cada criança traz em sua história de vida. A todos deve ser oferecida uma educação de qualidade para que haja uma sociedade mais justa. Mas com a inclusão tem-se uma maioria excluída. Maciel e Barbato acrescenta:

> Convivendo com esse paradoxo, diferentes grupos se organizaram e, impossível deixar de reconhecer, avançaram em conquistas, direitos e ações de cidadania. Paralelo a tais avanços, o paradoxo torna-se ainda mais complexo, pois no mesmo período, fomos incapazes de garantir à grande maioria dos cidadãos brasileiros o acesso a bens e meios básicos e mínimos de sobrevivência e qualidade de vida. Esse tipo extremo de exclusão social não tem preconceito de raça, cor ou gênero, e, assim, atinge igualmente a todos os grupos. (2010, p.57).

A mistura cultural no período da colonização não respeitava a riqueza cultural e étnica que já existia no país, espalhando o preconceito que se alastrou de várias maneiras de discriminação: racial, social, religiosa, sexual, regional, por idade, nacionalidade etc, e, apesar de haver "justiça" ainda hoje é muito comum em nossa realidade, até mesmo a título de "brincadeiras". Em suma, a discriminação é uma das formas de exclusão.

A exclusão se dá muitas vezes dentro da própria família, por problemas de comportamento, de deficiência ou até mesmo por opção religiosa ou sexual. Outro grande fator da exclusão é o baixo nível de escolarização.

A inclusão escolar de pessoas com necessidades especiais no ensino regular vem sendo estudo de pesquisa desde a Declaração de Salamanca que ocorreu entre 7 a 10 de junho de 1994 em Salamanca na Espanha, com representações dos governos e de várias organizações internacionais. Esta declaração tinha como objetivo assegurar que a educação de pessoas com necessidades educacionais especiais fizesse parte efetivamente do sistema educacional. Foi enfatizado o direito da criança à educação, endossando que cada indivíduo é único com interesses e habilidades distintas. Foi debatido também a implementação de programas educacionais observando a diversidade, combatendo a discriminação e formando uma sociedade inclusiva onde todos tenham direito à educação. Pode-se afirmar que esta declaração foi um marco contra o preconceito.

A declaração não é exclusivamente relacionada à inclusão de crianças com necessidades educacionais especiais, mas a garantia de uma educação de sucesso para todos.

O êxito das escolas inclusivas acontece quando a todos é oferecido igualmente oportunidades de participação total, o que demanda um esforço de toda comunidade, a saber: professores, alunos, famílias e voluntários, comprometidos e dispostos a mudar a realidade.

1.2 – A escola como espaço social

A escola é o lugar que recebe pessoas de várias culturas, credos, valores e problemas diferentes. Uma das suas principais funções é ajudar alunos, pais e professores a enfrentarem as dificuldades do mundo em que vivem, superando-as. Ela é considerada um espaço de desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma pode-se contextualizar a vivência familiar nas atividades desenvolvidas para formalizar a aprendizagem. É importante que haja políticas públicas para que sejam realizados trabalhos dignos com recursos humanos e materiais. Deve haver também uma mudança de mentalidade por parte dos envolvidos principalmente dos professores e políticos. A mudança, de um modo geral exige um grande esforço, pois o novo incomoda, dá trabalho, tira as pessoas da rotina, mas é indispensável. Oliboni (2009), psicóloga e autora da tese de mestrado sobre bulling, acrescenta:

> O professor deve analisar o meio em que a criança vive, refletir se o projeto pedagógico da escola é inclusivo e repensar até seu próprio comportamento para checar se ele não reforça o preconceito (...) é tarefa dos educadores oferecer um ambiente propício para que todos, especialmente para os que tem deficiência, se desenvolvam. Com respeito e harmonia. (p.80. Revista Nova Escola, dez/2009).

Considerando a citação de Oliboni (2009), pode-se concluir que uma escola necessita de: projetos criativos que valorizem o contexto social dos alunos; professores flexíveis às mudanças ocorridas na escola, na vida e no mundo; atividades criativas planejadas e elaboradas que despertem a atenção e o interesse do educando, principalmente os que necessitam de atendimento educacional especializado e valorização dos profissionais da educação na perspectiva de melhorar a qualidade de ensino.

Numa sociedade democrática, a escola deve criar condições para que os alunos, com suas diversidades sociais, culturais, emocionais ou físicas possam desenvolver suas capacidades e exercer sua cidadania sem discriminações. A escola recebe alunos de culturas diferentes. Ela é de suma importância na construção do saber e deve proporcionar ao aluno o

contato com a diversidade e consequentemente o respeito às diferenças. Partilha-se da idéia de Tiba (2002) quando ele aponta a sua visão de educação e cultura:

> Educação é qualidade de vida e saúde social (...) Quer dizer, quem tem cultura e educação tem mais saúde social (...) Vive melhor quem tem cultura, pois está mais capacitado a superar obstáculos e resolver problemas do cotidiano. Bem informado sobre as doenças e a ação dos medicamentos, quem tem cultura e educação segue as orientações médicas e obtém resultados melhores com os tratamentos. (2002. p. 188).

O professor por sua vez, deve fazer o aluno pensar através de estímulos à criatividade de acordo com a capacidade de cada um. Mesmo que este possua necessidades especiais, suas atividades devem ter o mesmo nível de crítica usado com os outros alunos. Sobre isso Tiba (2002) afirma que "*o maior estímulo para aprender é a curiosidade"* (p.188).

A Constituição Federal (1988), art. 208, inciso III com relação à educação afirma que: *o dever do Estado com educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino.* Aqui fica explícita a garantia de educação especial aos portadores de necessidades especiais, porém não necessariamente na rede regular de ensino.

A educação inclusiva é muito mais ampla, vai além da educação especial. Nesse sentido pode-se admitir que todas as crianças podem aprender dentro das suas limitações, bem como as unidades de ensino devem permitir que o sistema e a metodologia de ensino atendam as necessidades das crianças. Luria (2010) afirma:

> Na criança em desenvolvimento, as primeiras relações sociais e as primeiras exposições a um sistema lingüístico (de significado especial) determinam as formas de sua atividade mental. Todos esses fatores ambientais são decisivos para o desenvolvimento sócio-histórico da consciência (...) considere-se o desenvolvimento de atividade consciente na criança. A partir do nascimento as crianças vivem num mundo de coisas, produtos históricos do trabalho social. Elas aprendem a comunicar-se com os outros à sua volta e desenvolvem relações com objetos através da ajuda de adultos. (2010, p.23-24).

Sobre o raciocínio prático em crianças, cabe ressaltar as semelhanças que há com os adultos de acordo com Vigotski (2010):

> [...] a experiência social exerce seu papel através do processo de imitação; quando a criança imita a forma pela qual o adulto usa instrumentos e manipula objetos, ela está dominando o verdadeiro princípio envolvido numa atividade particular (...) A criança à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo que constituem

> um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro. (2010, p.7-8).

De acordo com Maciel e Barbato (2010) o desenvolvimento cognitivo ocorre no encontro com o outro social. Elas afirmam que:

> Durante a aquisição da linguagem, a criança vai paulatinamente se apropriando dos significados verbais por meio de sucessivas generalizações construída conjuntamente com seu interlocutor adulto, que continuamente interpreta as produções infantis, atribuindo-lhes forma e sentido pela incorporação de fragmentos dessas produções para colocá-los em funcionamento em sua própria voz. (2010, p.61).

Através da interação criança e adulto será possível abranger os mais diversos tipos de necessidades e promover uma educação inclusiva, reconhecendo que os seres humanos são diferentes, com ou sem necessidades especiais. Incluir é respeitar as diferenças, dando suporte para que haja aprendizagem a todos, isto é, independente de qualquer dificuldade ou diferença que as crianças possam ter é fundamental que todas aprendam juntas.

Para que a inclusão aconteça é de suma importância que a equipe escolar trabalhe em conjunto afim de que todos conheçam melhor o assunto. Sem informação, o professor torna-se vítima de aflição e na maioria das vezes, sente-se incapaz de lidar com a diversidade. Faz-se necessário a conscientização do professor quanto ao seu papel de educador em adotar posturas coerentes. Pois em muitos casos o professor demonstra uma grande capacidade na transmissão do conhecimento, porém muitas vezes é incapaz de enxergar que cada indivíduo é único, com conhecimentos distintos, necessidades diversas e autor da sua própria história. É importante o diálogo entre professor e aluno para que haja confiança mútua. O professor não pode ser permissivo nem autoritário e sim desempenhar um papel ativo no processo de educação, procurando sempre alcançar as metas e objetivos, mas acima de tudo estar atento para quem se está ensinando.

É preciso conhecer a legislação que garante o direito à educação de pessoas com necessidades educacionais especiais, como também exigir formação na rede de ensino procurando conhecer estratégias bem sucedidas e planejando as aulas de forma a atender

individualmente os alunos com dificuldades de aprendizagem, dentro das possibilidades. É importante acreditar no potencial de cada aluno, promovendo eventos com a participação das crianças especiais, convidando os pais para prestigiá-los e esclarecer a importância da convivência destas crianças com a comunidade e os benefícios para toda turma. A construção

e conservação das estruturas e equipamentos também são partes importantes de uma educação inclusiva de qualidade.

Maciel e Barbato afirmam que o contexto da coordenação pedagógica é um espaço muito valioso para a continuada reflexão. Embasadas nas palavras de Martinez (2006) elas sugerem alguns aspectos essenciais que devem ser considerados na organização do trabalho pedagógico, tais como:

> "favorecer a criação de espaços comunicativos/relacionais visando contribuir para gerar novas produções de sentido sobre aprendizagem e diferença; estimular o desenvolvimento da condição de sujeito negada pelas posições assistencialistas e paternalistas dominantes; conferir novo caráter aos processos diagnósticos e de avaliação educacional"(...) é preciso considerar outros aspectos sistematizando-os no âmbito da coordenação pedagógica. (2010, p.67)

Os alunos com necessidades educacionais especiais devem ter acesso a todo e tipo de experiência dentro do ambiente escolar para que possam se desenvolver cognitivo e socialmente exercendo sua cidadania.

O currículo precisa ser adaptado às necessidades da criança. As crianças com necessidades especiais deveriam ter atendimento além da sala de aula, ou seja, dentro da escola, como também apoio externo (médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos etc.).

Algumas ideias sugeridas por países que obtiveram bons resultados com educação para crianças portadoras de deficiência são: parceria com os pais, envolvimento da comunidade e conscientização pública. Dentro desse contexto é possível discutir e repensar o processo de ensino-aprendizagem da criança com deficiência intelectual, bem como o seu desenvolvimento e assim obtermos uma educação de sucesso.

Atualmente, com a educação inclusiva, entende-se que todos são capazes de aprender, mesmo que alguns necessitem de adequação curricular, apoio adicional, equipamentos específicos etc. Cabe aos profissionais da educação viabilizar recursos e meios favoráveis à educação para todos, reconhecendo-se como responsáveis e buscando formação adequada.

1.3 – A deficiência intelectual no contexto escolar

De acordo com o Ministério da Educação (2007) as crianças com deficiência intelectual, antiga "deficiência mental" são maioria em relação a outras deficiências atendidas nas escolas especiais ou no ensino regular. Diferentes autores apontam como grandes desafios

para a educação o acompanhamento pedagógico do aluno com déficit cognitivo, que acostumou-se a trabalhar o aluno "ideal", baseando-se em um modelo único de ensino-aprendizagem, sem considerar a diversidade humana e as possibilidades de escolarização de pessoas com deficiência intelectual (GARCIA, 1999; MIRANDA, 2003; PADILHA, 2001, 2001ª, 2004, 2006, 2007; V. GARCIA).

Vigotski (1997; 2001, 2003) considera o processo educacional como uma prática social dialógica mediada pela linguagem e pela sociedade. Na sua concepção o ser humano nasce apenas com recursos biológicos, mas no convívio social observando valores, cultura e o processo de ensino aprendizagem, esses recursos definem o desenvolvimento humano.

Para Vigotski tanto as pessoas com deficiência intelectual como as demais pessoas são regidas pela mesma lei, aplicável também no processo de ensino-aprendizagem (VIGOTSKI, 1997, 2003). Para ele, a criança com deficiência intelectual não é menos desenvolvidas de que as crianças "normais" e sim, é uma criança que se desenvolve de outra maneira. Desta forma, suas ações e atitudes não podem ser comparadas com as demais pessoas, pois cada ser humano possui suas peculiaridades e se desenvolve de maneira única, ele acrescenta que:

> Para a educação das crianças mentalmente retardada, é importante conhecer como se desenvolve, não é importante a insuficiência em si, a carência, o déficit, o defeito em si, mas a reação que nasce na personalidade da criança, durante o processo de desenvolvimento, em resposta à dificuldade com a qual tropeça e que deriva dessa insuficiência. A criança mentalmente retardada não está constituída só de defeitos e carências, seu organismo se reestrutura como um todo único. (1997, p. 134).

As crianças com deficiência intelectual apresentam alterações nos processos mentais podendo interferir na realização de atividades diárias, bem como no raciocínio lógico-matemático, aquisição de leitura entre outras habilidades. Porém essas alterações não determinam por si o processo de ensino-aprendizagem como também o desenvolvimento. Para Ferreira (2003), estes aspectos podem se tornar ainda mais deficitários, na medida em que se destina para estes alunos experiências de aprendizagem "*que mobilizam basicamente as funções psicológicas elementares com um significativo distanciamento da cultura*" (p.136).

Vigotski acredita que o desenvolvimento acontece por meio da relação e correlação entre as estruturas elementares (fatores biológicos) e as estruturas que manifestam com a interação da cultura (processos psicológicos) nos quais se encontra a capacidade de formação de conceitos. Estes são relacionados ao funcionamento psicológico como: controle das ações,

atenção voluntária, construção de conceitos etc. Essas estruturas baseiam-se no uso de instrumentos (elementos externos: material concreto) e signos (representantes internos: linguagem oral, gestual e escrita) no decorrer de toda vida do indivíduo.

É importante que haja intervenção pedagógica sistemática e individualizada em pessoas com comprometimento cognitivo acentuado com a finalidade de observar a construção simbólica (abstrato) e a linguagem nas relações sociais como também o nível de desenvolvimento proximal. Vale salientar que o processo de ensino-aprendizagem de indivíduos com deficiência intelectual apresenta significativas limitações, ou seja, apresentam dificuldades em maior ou menor grau variando de acordo com as interações sociais vividas. No geral, esses indivíduos apresentam um ritmo de aprendizagem mais lento em relação às pessoas da mesma idade, necessitando de maior apoio como também maior tempo para realizar as atividades propostas. Sobre isso FERREIRA (2007) acrescenta:

> Redunda em uma defasagem crescente entre o funcionamento intelectual destes alunos e seus pares considerados normais e na medida em que se avança no currículo escolar regular, o aluno com dificuldades intelectuais requer mais e mais apoio (...) dos docentes o que vai na direção oposta à dos alunos sem estas dificuldades (2007bp.7).

A capacidade de abstração, adaptação e generalização também apresentam lentidão nesses indivíduos, no entanto é necessário repensar práticas de ensinos concretas e abstratas com o intuito de "atingir" o cognitivo de cada um. Padilha (2001) destaca que é possível rever programações pedagógicas infantilizadas e repetitivas, comumente presentes na escolarização dessas crianças como, por exemplo: recortes, colagem, pinturas...como pré-requisitos para escrita e leitura e apresentar atividades que tenham significados para o aluno. Vigotski conclui:

> Demonstrou-se que o sistema de ensino baseado somente no concreto _ um sistema que elimina do ensino tudo aquilo que está associado ao pensamento abstrato _ falha em ajudar as crianças retardadas a superarem as suas deficiências inatas, além de reforçar essas deficiências, acostumando as crianças exclusivamente ao pensamento concreto e suprindo, assim, os rudimentos de qualquer pensamento abstrato que essas crianças ainda possam ter. Precisamente porque as crianças retardadas, quando deixadas a si mesmas, nunca atingem formas bem elaboradas de pensamento abstrato, é que a escola deveria fazer todo esforço empurra-las nessa direção, para desenvolver nelas o que está intrinsecamente faltando em seu próprio desenvolvimento (2010, p.101-102).

Sob esta ótica pode-se compreender que a escola e o professor possuem papel fundamental na elaboração de projetos que favoreçam o desenvolvimento da criança,

proporcionando-lhe novas formas de construção do conhecimento. Daí a importância de promover atividades culturalmente ricas possibilitando o desenvolvimento psicológico, bem como a zona de desenvolvimento proximal (ZDP) e não se prender às dificuldades relativas à deficiência.

Estudos realizados por Barbato (2004) sobre deficiência mental em sala de aula: para além da naturalização de concepções e práticas, revelam que quando se tratam do conceito de deficiência, muitos professores ainda parecem apoiar-se em concepções arcaicas ao dar significado a esse conceito, esquecendo-se que ele é o maior responsável pelas atuais políticas públicas de inclusão. Tais professores reconhecem que há falhas em relação ao apoio das instituições e da capacitação adequada para trabalhar com crianças portadoras de deficiências. Conclui-se que os avanços acontecem em passos lentos pela nossa falta de capacidade em atuar efetivamente na Zona de Desenvolvimento Proximal – ZDP - do indivíduo com necessidades educacionais especiais para compensar essa deficiência. (2004 –p. 217-230)

A idéia de ZDP propõe que haja mediação pedagógica de uma criança com necessidades educacionais especiais entre o professor ou um colega, na tentativa de ajudar a atingir os conhecimentos necessários (VIGOTSKI, 2010).

Em resumo a zona de desenvolvimento proximal é:

> A distancia entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VIGOTSKI, 2010 p.97).

Para Vigotski o uso da mediação estimula a ZDP se tornando o aspecto mais importante da educação escolar, pois implica na internalização do conhecimento. Na sua concepção internalizar é transformar um processo interpessoal (social) para o processo intrapessoal (individual). O nível de desenvolvimento real são os conhecimentos que os alunos já tem, sendo este o fator considerado nos processos avaliativos tradicionais e no entanto deveriam enfatizar o que eles poderiam saber por meio da mediação. Pode-se afirmar que a teoria da ZDP é oposta a orientação tradicional de educação, pois "*o bom aprendizado é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento"* (VIGOTSKI, 2010, p.102).

Vigotski (1997) usa o conceito de compensação para explicar como se dá o processo de desenvolvimento da criança com deficiência intelectual. A deficiência de uma função ou

lesão de um órgão faz com que o sistema nervoso central e o aparato psíquico assumam a tarefa de compensar o defeito. *"Todo defeito cria os estímulos para elaborar uma compensação"* (1997, p.14), Isso não significa que oferecer elementos pedagógicos baseados na "compensação" seja possível a "cura" da deficiência, porém pode contribuir para o desenvolvimento de áreas potenciais.

Vigotski aponta que nem toda compensação apresenta resultados positivos:

> Como qualquer processo de superação e de luta, a compensação pode ter resultados extremos: a vitória e a derrota. Mas seja qual for o resultado, sob qualquer circunstancia, o desenvolvimento agravado por uma deficiência constitui um processo criador, de construção e reconstrução da personalidade da criança, sobre a base da reorganização de todas as funções de adaptação e da formação de novos niveladores, equilibradores que são gerados pela deficiência (1997, p.16-17).

No entanto o desenvolvimento do indivíduo com deficiência intelectual não é um processo espontâneo, mas mediado pelo o outro, pela aprendizagem. Carvalho (2006) acrescenta:

> (...) desafiar a pessoa com deficiência, estabelecer para ela as mesmas metas educacionais que para os demais, assegurar o acesso efetivo aos bens culturais, mesmo que isso implique a necessidade de uso de recursos especiais, mesmo que isso demande uma ação mais intensa do outro, é possível desenvolver o processo ensino aprendizagem destas crianças. (2006, p. 37).

Na opinião de Vigotski as crianças se utilizam da linguagem para solucionar as questões consideradas, por elas, difíceis:

> A capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciar instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento (...) Ao fazer uma pergunta, a criança mostra que, de fato, formulou um plano de ação para solucionar o problema em questão, mas que é incapaz de realizar todas as operações necessárias. (2010, p.18-19).

Ferreira (1993) fala sobre a falta de clareza que existe em relação aos materiais a serem usados, bem como recursos, técnicas, currículos ou pessoal necessários para garantir a aprendizagem de uma criança com deficiência intelectual. Desta forma, a busca por um diagnóstico se torna a justificativa da dificuldade de aprendizagem do aluno.

Maciel e Barbato (2010) fazem o seguinte relato sobre o termo deficiência:

> Várias são as discussões sobre os rótulos atribuídos às crianças que possuem um desenvolvimento diferenciado por apresentarem lesões em seu aparato sensorial,

> físico e/ou cognitivo. Esses sujeitos considerados deficientes recebem esse crivo social, no momento em que se realiza o diagnóstico. A partir daí, todas as suas interações com o mundo são constituídas com base no dado da deficiência como lugar de anormalidade. (2010, p.209).

As pessoas com deficiência intelectual apresentam algumas limitações no seu funcionamento mental, relacionamento social, cuidado pessoal e comunicação, o que provoca maior lentidão na aprendizagem e no desenvolvimento. Estas pessoas vão precisar de maior tempo para aprender a falar, caminhar, cuidar de si como: tomar banho, vestir-se e comer com autonomia.

É também papel da escola inserir culturalmente os alunos com deficiência intelectual dando significados às suas atitudes, suas produções, suas habilidades e consequentemente sua aprendizagem, valorizando suas ações peculiares, a forma de aprender e agir. Desta forma é possível aproximá-lo dos outros alunos enfatizando suas competências e conquistas sem compará-los.

1.4 – Família como principal parceira da escola

A família e a escola são duas instituições fundamentais para a vida do ser humano. Estas podem ajudar ou atrapalhar o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social das pessoas. A família é o agente socializador, mas nem sempre assume seu papel. Enquanto a escola deve priorizar a função social.

A relação pais e crianças com deficiência acontecem no início da infância e serve de base para a formação da personalidade e da saúde, repercutindo na vida adulta. Falkenbach, et al (2008) baseados em Maturana afirmam que:

> A temática relacional da mãe e do pai de crianças com deficiência, destaca-se a relação primária e a necessidade dessas relações serem nutridas com bases sociais e afetivas para um saudável desenvolvimento. A relação primária é uma relação simbiótica entre a criança e a mãe, que acontece no início da infância, sentimento em que o filho percebe a mãe como parte de si. (dez/2008).

Os autores acrescentam:

> Quando a questão é o nascimento de uma criança com deficiência, a intensidade da situação envolve uma repercussão complexa e imprevisível no contexto familiar. A dificuldade com o impacto da notícia sempre deixam marcas profundas nos

> familiares, principalmente na mãe e no pai, personagens diretamente relacionados com a causa e ainda culpabilizados pela perda de uma criança sonhada, idealizada e planejada. (dez/2008).

Baseados nesses autores pode-se concluir que na maioria das vezes os pais idealizam o filho muito antes dele nascer. Ao saber que se trata de uma criança especial, procuram de todas as maneiras protegê-la, pois acreditam que aquela criança será totalmente dependente a vida inteira. A partir do nascimento todos os sonhos idealizados se desfazem e passam a fazer questionamentos sobre as perspectivas futuras. Daí a importância de recorrer aos recursos profissionais confiáveis, pois neste momento a família precisa ser bem atendida e compreendida, porque quando a família sente-se valorizada ela transmite confiança para a criança.

A família é a primeira interação entre o homem e o mundo. Dessen e Polônia (2007) acrescentam que: "*a família é considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar de seus membros e da coletividade"*. Ela é a "*maior responsável pela transmissão de valores, crenças, idéias e significados que estão presentes nas sociedades"* (Kreppner, 2000. Apud. Dessen e Polônia. 2007, p. 02).

Elsenberg & Cols. (1999) *acrescentam que "o apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social permite à criança desenvolver repertórios saudáveis para enfrentar as situações cotidianas"* (Apud. Dessen e Polônia. 2007). Pode-se concluir que ao entrar na escola, a criança tem a possibilidade de adquirir sua autonomia, ampliar as amizades e desenvolver o cognitivo, social, físico e afetivo diferente do ambiente familiar. Porém é "*no ambiente familiar que a criança aprende a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida"*. (Wagner, Ribeiro, Arteche & Bornholdt, 1999. Apud. Dessen e Polônia(2007)

As autoras afirmam que:

> O próprio conceito de família e a configuração dela têm evoluído para retratar as relações que se estabelece na sociedade atual (...) E, os arranjos familiares distintos que vão surgindo, por sua vez, provocam transformações nas relações familiares, nos papéis desempenhados pelos seus membros, nos valores, nas funções intergeracionais, nas expectativas e nos processos de desenvolvimento do indivíduo. (2007).

A escola deve buscar parcerias, principalmente com as famílias para oferecer oportunidades diversas ao educando desde o início do processo educativo. Com o apoio da família todos têm a ganhar, como afirma Tiba (2002):

> Se a parceria entre família e escola for formada desde os primeiros passos da criança, todos terão muito a lucrar. A criança que estiver bem vai melhorar e aquela que tiver problemas receberá a ajuda tanto da escola quanto dos pais para superá-los. (2002, p.183).

Conclui-se que toda escola deve contar com o apoio da família, principalmente a escola inclusiva. A família deve se sentir acolhida pela Instituição e ser incluída no processo de ensino-aprendizagem, para que se fale a mesma língua na transmissão do conhecimento e dos valores. Contudo as diferenças devem ser respeitadas, a diversidade valorizada e os direitos do cidadão garantidos. Assim será possível valorizar o SER ao invés do TER. É importante a mediação da família na orientação de tarefas simples do cotidiano, como também procurar as oportunidades dentro da própria comunidade como, por exemplo: clube, parque, teatro etc, que o leve a desenvolver as competências sociais.

Estudos sobre a participação da família, realizado por BAPTISTA (1999), comprovam que a participação direta desta instituição no processo de educação, juntamente com os professores ajudam na transformação do indivíduo, isto é, que a parceria efetiva da família com a escola ajuda na superação de bloqueios e dificuldades de aprendizagem (p.175-180).

Com interesse, amor, compromisso e responsabilidade de todos envolvidos no processo educativo é possível formar uma sociedade inclusiva.

2. OBJETIVOS

O presente estudo teve como objetivo geral realizar um estudo de caso com vistas a analisar e comparar as percepções de diferentes agentes no processo de ensino aprendizagem e no desenvolvimento de uma criança com diagnóstico de deficiência intelectual (epilepsia não especificada com convulsões e crises e, hemiplegia flácida).

Em relação aos objetivos específicos a pesquisa buscou:

Investigar o histórico do desenvolvimento da criança desde a gestação até o momento presente por meio de documentos e relato familiar;

Conhecer e comparar a percepção que a família, o professor atual, o monitor, a direção da escola, a professora da sala de recursos e as professoras anteriores possuem acerca do desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual;

Investigar as expectativas que a família tem a cerca do potencial e do futuro do aluno com deficiência intelectual.

Os objetivos da investigação orientam-se por indagações que fomentaram as seguintes questões:

Existem diferenças entre as percepções dos agentes envolvidos quanto ao desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual?

Os agentes envolvidos possuem propostas promotoras para o desenvolvimento e aprendizagem do aluno?

Quais expectativas, a família tem em relação ao futuro do filho?

A seção seguinte é dedicada às considerações metodológicas que se direcionam as questões levantadas no estudo, bem como aos recursos e estratégias que conduzem ao alcance dos objetivos propostos.

3. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa foi utilizada a metodologia qualitativa, pois esse tipo de abordagem, apresenta um foco de interesse muito amplo, direcionando ao longo do seu desenvolvimento, dados descritivos de acordo com contato direto e interação do pesquisador com o objeto de estudo. De acordo com Júnior frequentemente o pesquisador procura entender as modificações ocorridas dos participantes no estudo e daí interpretá-las utilizando diferentes técnicas visando descrever os componentes de um sistema complexo de significados. A técnica utilizada nesse trabalho foram entrevistas semi-estruturadas.

Uma das vantagens de se utilizar a entrevista é que o pesquisador ou participante pode direcionar o rumo da pesquisa surgindo outras indagações no decorrer da mesma, isto é, nas abordagens podem surgir respostas que leva-nos a formular outras perguntas. Além de buscar entender um determinado assunto através de descrições, comparações e interpretações.

A abordagem qualitativa, nesse sentido, torna-se fundamental para a realização da pesquisa, pois permitirá uma análise mais profunda acerca das percepções e visão das pessoas envolvidas com um aluno com deficiência intelectual afim de melhor compreender o desenvolvimento desse aluno e assim, investigar, analisar dados e comparar cada uma dessas percepções. Com esta abordagem, o pesquisador pode sofrer influencia como também influenciar apresentando um novo modo de olhar em determinadas situações a partir das hipóteses construídas e das experiências adquiridas e assim poder avaliar com segurança os resultados obtidos.

O método qualitativo abre espaços para interpretações servindo de estímulo aos entrevistados para pensarem sobre o assunto em questão e cooperarem na observação e o significado do mesmo.

Aqui, buscamos compreender como acontece a interação e a aprendizagem do aluno em questão, observando as possíveis mudanças ocorridas na comunicação e relacionamento com todos os envolvidos.

3.1. Contexto da pesquisa

A escola onde foi realizada a pesquisa está localizada na região Norte da cidade de Santa Maria – Distrito Federal. Tem uma média de 700 alunos matriculados da educação infantil até a 4ª série do ensino fundamental. É uma população de classe social bem diversificada. Atende desde a criança mais carente até as de classe média.

Possui 70 funcionários. 42 professores, sendo 35 concursados e sete contratos temporários. O grupo de professores está lotado da seguinte forma: 30 professores regentes, três coordenadores, três na direção da escola, uma orientadora educacional, uma professora na equipe especializada de apoio a aprendizagem, uma professora na sala de leitura, uma professora na sala de recursos, uma professora no programa ginástica nas quadras e um professor no projeto de judô. Destes, 33 tem curso superior e nove o magistério.

O espaço físico apresenta-se da seguinte forma: BLOCO UM: Sala de leitura com adaptação para sala da orientação educacional e sala de recursos e, cinco salas de aula. BLOCO DOIS: dois banheiros de alunos (masculino e feminino), dois bebedouros e cinco salas de aula. BLOCO TRÊS: dois banheiros de alunos adaptados para educação infantil (masculino e feminino), um bebedouro e cinco salas de aula. BLOCO QUATRO: uma sala de múltiplas funções ocupada pelo projeto CID – judô, uma brinquedoteca, um depósito adaptado para laboratório de informática, um depósito adaptado com cantina comercial, uma cantina escolar com depósito de gêneros alimentícios e um bebedouro. Nos fundos desse bloco funcionam: um depósito de materiais diversos, dois banheiros de servidores (masculino e feminino) e sala de servidores. Neste espaço existem ainda: uma varanda com tanque, caixa d'água, depósito de gás e filtro central. BLOCO DA DIREÇÃO: uma sala destinada à direção e Assistência Administrativa, uma secretaria com divisória para mecanografia, uma sala destinada à vice-direção e Assistência Pedagógica, dois banheiros de professores (masculino e feminino), um banheiro adaptado para alunos ANEE, uma sala de professores e uma sala destinada à coordenação e reforço escolar. A escola possui: um pátio central coberto, um pátio interno, uma guarita, um jardim, um estacionamento e uma quadra esportiva.

Foram feitas adaptações no banheiro e a rampa da entrada para receber os alunos com necessidades educacionais especiais.

No decorrer deste ano foram desenvolvidos os seguintes projetos: **Por dentro da copa** com o objetivo de informar a clientela a respeito das peculiaridades deste evento de caráter mundial, inserindo-os no contexto esportivo e cultural, enriquecendo o vocabulário e tornando o aprendizado mais prazeroso; **Tempero e cia.** com o objetivo de melhorar a qualidade do lanche e conhecer hábitos de uma alimentação saudável; **Vestibulinho** com o objetivo de despertar no aluno a curiosidade de conhecer, aprender, agir e conviver criticamente, ressaltando a importância do ato de estudar para a vida pessoal, escolar e profissional; **Festa junina** com o objetivo de valorizar a cultura brasileira; **Jogos internos da escola** com o

objetivo de desenvolver no educando o gosto pelos esportes melhorando a coordenação motora, auto-estima, controle emocional e a importância das regras nos esportes e na vida. É também uma ferramenta de inclusão do aluno no processo de ensino aprendizagem e enfrentamento da violência e cultura da paz; **Soletrando** com o objetivo de amenizar o problema das dificuldades ortográficas, interar os alunos quanto às mudanças ortográficas, despertar o gosto pela leitura e desenvolver a oralidade; **Eu sou eleitor** com o objetivo de preparar a clientela para a vida em sociedade, formando cidadãos críticos e aptos para o exercício da democracia, ressaltando a importância do voto como fator de integração social; **Projeto interventivo** com objetivo de sanar as dificuldades de aprendizagem, propondo atividades diversificadas, valorizando o conhecimento prévio e desenvolvendo o equilíbrio, a atenção, coordenação motora fina e grossa, concentração e motricidade.

De acordo com a direção, a inclusão é fato há seis anos e foram feitas todas as adaptações necessárias para melhor atender a demanda da comunidade, como também do aluno em estudo.

3.2. Participantes

Participaram da pesquisa: um aluno de 09 anos com necessidades educacionais especiais, seus familiares, o monitor, a vice-diretora da instituição e os professores: anteriores, atuais e da sala de recursos.

Trata-se de uma criança com deficiências múltiplas, consequentemente, deficiência intelectual. Quanto aos familiares, apenas a mãe participou da pesquisa.

Todos os participantes aceitaram o convite e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Além disso, foi utilizado consulta aos prontuários existentes na escola, a fim de obter informações sobre sua história clínica. Foram utilizados nomes fictícios para proteger as identidades.

Quadro 1 – Informações sobre o aluno

Criança	Marcos
Idade	09 anos e 7 meses
gênero	Masculino

Escolaridade	3º ano do Ensino Fundamental de nove anos.
Avaliação médica	Relatório médico indica CID: G 40.9 (epilepsia não especificada com convulsões e crises) e G 81 (hemiplegia flácida)
Avaliação psicopedagógica	**Aspectos pedagógicos**: Não alcançou, nos aspectos da leitura, interpretação e escrita às expectativas esperadas para a série que freqüenta. Em relação ao vocabulário o aluno demonstra dificuldade para se organizar verbalmente. **Aspectos psicológicos**, conforme o resultado obtido no teste de RAVEN – Matrizes Progressivas Coloridas – Escala Espacial, realizado em 16.03.09 o aluno pode ser classificado como intelectualmente deficiente. Criança visivelmente comprometida apresenta dificuldade de entendimento das instruções verbais, atenção desfocada, dificuldade na expressão verbal, incoerência em relação às solicitações. Carinhoso no relacionamento interpessoal.
Configuração familiar	Reside com a mãe, o padrasto e mais dois irmãos. A mãe foi a colaboradora nesse estudo.

Quadro 02 – Informação sobre a família da criança.

Mãe	Teresa
Idade	28 anos
Sexo	Feminino
Escolaridade	5ª série do Ensino Fundamental de oito anos.
Profissão	Do lar
Renda familiar	Não informada.

Quadro 03 – Informações sobre os professores e monitor.

Nomes fictícios	Marta	Sandra	Cátia	Vera	Breno
Idade	50 anos	31 anos	45 anos	27 anos	36 anos
Gênero	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino
Formação	Pedagogia	Pedagogia	Pedagogia com habilitação em orientação educacional	Pedagogia	Gestão pública
Tempo de formação	15 anos	02 anos	14 anos	06 anos	06 meses
Tempo de atuação como docente	18 anos	03 anos	15 anos	12 anos	Durante o ano em curso como monitor
Tempo de experiência com Educação Inclusiva	04 anos	01 ano	10 anos	05 anos	Nenhuma
Ano que atuou com o aluno/ área	2008 -professora regente	2009 - professora regente	2010 - professora da sala de recurso	2010 – professora regente	2010 - monitor
Já fez curso sobre educação inclusiva.	Atualmente está fazendo especialização em Educação Inclusiva	Não	Sim	sim	Não

3.3. Materiais

Para a realização dessa pesquisa foram utilizados os seguintes materiais:

- Câmera digital, marca kodak, 8,2 megapixeis com 2 pilhas;
- Computador;
- Impressora;
- Papéis;
- Canetas;
- Lápis;
- Caderno para diário de campo.

3.4. Instrumentos

Para a realização da pesquisa foram utilizados cinco instrumentos: Todos eles tratavam-se de uma entrevista semiestruturada. A primeira trata-se de uma entrevista semiestruturada com a família (ver apêndice 1) com o objetivo de analisar as percepções da família em relação à aprendizagem do aluno. A segunda entrevista foi elaborada para ser realizada com o professor atual e o monitor (ver apêndice 2) com o objetivo de verificar suas concepções a respeito da inclusão escolar do aluno em estudo e o seu desenvolvimento cognitivo. A terceira elaborada para a direção da escola (ver apêndice 3) que tinha como principal objetivo conhecer o processo de inclusão realizado na instituição como também o que foi feito em prol do aluno em questão. A quarta, entrevista semiestruturada foi elaborada para entrevistar a professora da sala de recursos (ver apêndice 4) com a finalidade de analisar a sua concepção em relação ao aprendizado do aluno e a última uma entrevista semiestruturada para as professoras anteriores (ver apêndice 5) que tinha como principal objetivo observar o desenvolvimento da criança desde o início da sua vida escolar.

Todas foram elaboradas pela autora com vistas a examinar como os agentes envolvidos percebem o desenvolvimento do aluno com deficiência intelectual.

3.5. Procedimentos de construção de dados

Após autorização da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal para realização da pesquisa nas escolas do Distrito Federal, foi escolhida a Instituição por se tratar de uma escola inclusiva e também pelo fato da pesquisadora já trabalhar na mesma há 10 anos. A escolha da criança se deu pela experiência de trabalho com esse aluno e que está matriculado há três anos nessa instituição. Em seguida, os profissionais da educação, que tiveram ou tivessem contato com a criança, foram convidados para participar da pesquisa. O contato com a mãe foi feito através de um telefone celular e a mesma compareceu prontamente e aceitou ser entrevistada e filmada para poder ser apreciado cada dado informado. Todos os convidados concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na própria escola, local onde foram realizadas as entrevistas individualmente em salas reservadas contendo mesas e cadeiras. Os agendamentos foram feitos com antecedência e os participantes demonstraram disponibilidade.

As entrevistas ocorreram entre 29 de novembro de 2010 a 10 de dezembro de 2010. Ao todo foram entrevistadas sete pessoas. No decorrer de cada entrevista foram utilizados questionários em folhas separadas para cada um. Devido a não aceitação de alguns participantes, apenas na entrevista com a mãe foi utilizado a câmera digital para filmar. As demais foram anotadas.

3.6.Procedimentos de análise e dados

Foi feita a transcrição das entrevistas e a seguir uma leitura detalhada para analisar as percepções da família da criança; da professora atual e do monitor que acompanha o aluno em sala de aula; da direção da escola; da professora da sala de recurso e dos professores que ministraram aula em anos anteriores.

A seguir os dados foram analisados e as percepções entre os participantes foram comparadas e, também, houve uma análise dessas percepções à luz da literatura apresentada na revisão teórica.

4. RESULTADOS

4.1. Visão da família da criança

Esta seção visa descrever os resultados obtidos por meio da entrevista. Primeiramente será apresentado os dados da entrevista realizada com a mãe. A seguir serão discorridos os dados da entrevista com os profissionais da escola onde a criança estuda.

Foi realizada uma entrevista com a mãe e feito um levantamento sobre a família, número de filhos, escolaridade dos pais etc. A mãe informou que cursou até a 5ª série do ensino fundamental, mora com os três filhos e um senhor que ela considera o padrasto dos filhos, pois é separada do pai biológico há cinco anos e há seis meses não tem notícias do mesmo.

Questionou-se como foi da gravidez ao nascimento do Marcos*, que foi o seu primeiro filho. Em um pequeno histórico a mãe relatou que teve uma gravidez normal, foi o único filho que ela fez o pré-natal direitinho como também todos os exames solicitados pelo médico e nenhum acusava qualquer anormalidade. Ao nascer aparentava uma criança saudável, pesava 2.500kg e media 45cm. Depois de receber alta foi para casa e chegando lá recebeu muitas visitas durante três dias, tempo em que necessitou retornar ao hospital, pois a criança havia adquirido uma infecção ao qual atribuiu ao grande número de pessoas que estiveram em contato com ela. Chegando ao hospital, a criança precisou ficar internada e quando perguntava aos médicos o que o filho tinha. eles só falavam que era suspeita de meningite e estava com infecção generalizada, mas estava controlada. Durante esse período a criança ficou na Unidade de Terapia Intensiva - UTI. A criança já estava há mais de mês internada quando foi liberada para retornar à sua residência, mas em nenhum momento os médicos falaram que ficaria seqüela, como também não confirmaram se ele havia tido de fato meningite.

Quando indagada sobre o desenvolvimento da criança nos seus primeiros anos de vida, a mãe afirmou que o filho apresentava desenvolvimento normal, inclusive a fala, porém não andava por ter medo de ficar em pé. Quando tinha um ano e oito meses começou a andar, época em que a mãe diz ter procurado uma neurologista e a mesma diagnosticou a criança como epiléptica, com paralisia do lado direito e com tendência a piorar podendo, inclusive parar de andar e falar. A mãe ficou muito desanimada e não aceitou porque ele já andava

direitinho. Sobre o desenvolvimento ela acrescentou que ele está crescendo, falando melhor, se comportando melhor, isto é, o inverso do que a médica falou.

Durante a entrevista a mãe falou que a matrícula do filho na escola pública ocorreu quando ele tinha seis anos de idade e que no ato da matrícula ela informou que ele necessitava de atendimento especial, porém não levou o filho para a escola durante aquele ano, pois o mesmo tinha convulsões todos os dias de três a quatro vezes por dia. Ela informou a escola sobre o problema do filho, mas na realidade ela tinha receio de mandá-lo para a escola, ele passar mal e também ser maltratado. Em resumo a criança não freqüentou a escola durante aquele ano (2007). No ano seguinte, conheceu um senhor (citado no início) que procurou uma vaga na escola em que está até hoje. Daí em diante, nunca mais ela deixou de mandá-lo para a escola.

Ao procurar saber quais os maiores interesses do filho, a mãe prontamente respondeu que é tudo relacionado à tecnologia como: celular, máquina fotográfica, MP3, computador e também ônibus. Ela acrescentou que tudo que ele pega quer abrir para ver como funciona e acaba estragando. Em relação ao ônibus, ela acredita que é pelo fato de precisar pegar ônibus pra resolver tudo, inclusive trazê-lo para a escola. Ele fica muito nervoso no dia que precisa vir para a escola a pé. Mas de todas as coisas citadas ele apresenta maior interesse pelo computador, embora não tenha esse aparelho em casa.

Foi levantada a questão sobre o seu comportamento diante das dificuldades e qual seria a sua reação. Ela afirmou que ele fica muito nervoso, incomodado, xinga, e as vezes fica parado em um canto qualquer. Aproveitando o ensejo foi questionado como é o dia daquela criança desde a hora que acorda até a hora de dormir. A mãe falou que é muito complicado porque ele é uma criança inquieta e qualquer motivo é o suficiente para deixá-lo irritado, mesmo assim ela citou uma suposta rotina: “acorda, toma café da manhã, brinca de carrinho (quer dizer quebra como tudo que ele pega), almoça, assiste DVD por pouco tempo, na verdade ele fica de um canto para o outro”. E acrescentou que ele consegue ficar alguns minutos parado quando o filme é da Branca de Neve, pois ele interage com o filme rindo e gritando para Branca de Neve fugir que a bruxa está chegando. Ele gosta também de fazer de conta que está tirando foto.

Ao perguntar o que o filho sabe fazer bem, a mãe disse que ele não se concentra em nada. Quando começa a fazer qualquer coisa, larga pela metade, mas na maioria das vezes

nem começa. Em relação a gostar de brincar e com quem costumava brincar, a mãe respondeu que ele gosta muito de bola, mas fica pouco tempo e brinca só.

No decorrer da entrevista solicitou-se à mãe sua opinião sobre a escola onde o filho estuda. A mãe relatou que está muito satisfeita, pois ela tinha medo que o filho fosse discriminado e, no entanto sempre que ela chega à escola só recebe elogios. A professora diz que ele é muito carinhoso, que os colegas procuram sempre ajudá-lo, acompanhando-o ao banheiro, nas recreações e nas dependências da escola e todos emprestam brinquedos. Quando chega em casa, na maioria das vezes, chega cantando e diz o que a professora ensinou, demonstra uma paixão por música e relata algumas coisas que fez na escola. Enfim ela acha a escola nota 10, pois tem ajudado muito no desenvolvimento do filho.

Ao ser indagada sobre as limitações da criança, a mãe explicou que são muitas, pois nem sempre consegue fazer o que a irmã mais nova faz, ainda usa fraldas, às vezes chega da escola todo sujo, tem grande dificuldade para pegar no lápis, mas consegue segurar a colher com a mão esquerda, na hora de comer.

A mãe informou que a criança tem acompanhamento médico no período aproximado de dois em dois meses, e que o mesmo havia solicitado alguns tipos de exames, mas não soube citar quais foram. Em relação a opinião dos médicos sobre o desenvolvimento da criança e quais implicações para o futuro, ela acrescentou que a doutora reconhece que o filho melhorou muito, mostrando-se bastante comunicativo, porque chega à clínica observando tudo e perguntando se vai tomar remédio. O desenvolvimento dele foi acima do esperado, mas seria necessário fazer uma tomografia, pois é o único exame que ainda não foi feito. Ele faz uso três vezes por dia dos seguintes remédios: carbamazepina e valproato de sódio, caso deixe de tomar pode voltar a ter convulsões. O mesmo já realizou o exame encefalograma, o qual diagnosticou a epilepsia e outro nome (patologia) que ela não sabia falar ou não lembrava.

Foi perguntado se a criança fazia ou faz algum tipo de terapia como: fisioterapia, hidroterapia, equoterapia, acupuntura etc. A mãe respondeu que a doutora já havia recomendado a fisioterapia para melhorar o movimento da perna e mão direita, mas ainda não tinha dado certo. Sobre a parte do corpo que apresenta maior comprometimento, ela falou que a perna e a mão direita, sendo a mão mais comprometida que a perna, daí a necessidade de fazer a fisioterapia.

Por fim a mãe acrescentou sobre os sonhos que tem para o futuro do filho. Ela espera vê-lo recuperado, com a epilepsia controlada como uma pessoa normal e com um futuro bom, pois ele é tratado por ela como se não tivesse nenhum problema.

4.2. Visão da professora atual e o monitor

Foi realizada uma entrevista com a professora atual e o monitor que auxilia a professora em sala de aula durante uma hora, três vezes por semana. Levantou-se a questão sobre os avanços apresentados no decorrer do ano letivo. A professora relatou que percebeu o aluno mais calmo, menos agressivo, conseguindo permanecer em sala de aula e realizando algumas atividades. O monitor observou que o aluno estava mais sociável, pois já obedecia algumas regras e demonstrava um pouco de organização.

A professora e o monitor informaram que o aluno ainda não reconhecia nenhuma letra, como também os números e não identificava o próprio nome. Porém já reconhecia algumas cores primárias. Os dois, professora e monitor, concordaram que o aluno apresenta muito interesse por instrumentos que emite som e a professora acrescentou que ele gostava de cantar e dançar apresentando maior facilidade para aprender a letra das músicas e também gostava muito de atividade relacionada a ônibus.

A professora relatou que o relacionamento da criança com os colegas, na maioria das vezes é bom, contudo tem dias que o aluno chega na sala de aula muito irritado e fica agressivo tanto com ela como com os colegas. Acrescentou ainda que a aceitação das famílias das outras crianças que estudam na mesma sala é muito boa com exceção de uma mãe que, no princípio achava que o filho estava na turma errada, porém esta mesma mãe já demonstrava progresso em aceitá-lo após um trabalho de conscientização realizado pela coordenação, professora e equipe psicopedagógica. O monitor concordou e explicou que o relacionamento dele é muito bom dentro dos seus limites, como também é muito bem aceito pelo grupo que sempre procuram ajudá-lo.

Foi perguntado como era a sala de aula freqüentada por esta criança. A professora e o monitor resumiram que era uma turma reduzida, com 18 alunos, sendo dois especiais. No caso, o aluno em estudo e um com síndrome de down, portanto uma sala de aula tranqüila. A professora ainda acrescentou que era uma sala ampla, colorida e com muitos cartazes nas paredes.

Durante a entrevista, a professora explicitou sobre a existência de um planejamento específico para o aluno que era realizado seguindo algumas orientações da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem – EEAA - e o aluno não participava das aulas de reforço oferecidas pela escola, pois a distância da sua residência servia de empecilho para comparecer no contra turno, devido a essa dificuldade, algumas vezes ele tinha atendimento pelo EEAA no mesmo horário da aula. O monitor apresentou a mesma reposta sobre o reforço, porém não tinha um planejamento específico.

Indagou-se também sobre o comportamento do aluno e se ele realizava algum tipo de atividade pedagógica. A professora explicou que o seu comportamento era inconstante, ora apresentava-se muito agitado arrastando cadeiras, gritando, batendo porta, ora chegava na sala muito calmo que até dormia. Em relação a realização das atividades, a mesma afirmou que todos os dias o aluno realizava algum tipo de atividade como pintura, recorte e colagem, mas sempre com o auxílio de alguém para evitar de se machucar ou machucar os colegas. O monitor acrescentou que a criança gostava de ficar andando na sala e quase não sentava, contudo às vezes dormia e as atividades que realizava eram garatujas.

Quando perguntado se existiam momentos ou atividades que o aluno se sentia motivado ou desmotivado, a professora e o monitor concordaram que o aluno demonstrava mais entusiasmo com atividades relacionadas à música, dança e brincadeiras. Apresentava maior irritabilidade em atividades escritas ou qualquer outra que envolvesse regras e concentração.

Sobre as potencialidades e limitações apresentadas pelo aluno, a professora respondeu que demonstrava potencial com atividades musicais e recreativas e apresentava maior limitação em atividades que envolvia coordenação motora fina. O monitor percebeu um potencial muito pequeno sem saber citar um exemplo, pois apresentava um desenvolvimento muito lento, como também muitas limitações principalmente na realização de atividades pedagógicas.

A professora citou alguns aspectos positivos no desenvolvimento do aluno, como: obedecer algumas regras, levar o caderno para casa e trazê-lo de volta no dia seguinte, respeitar um pouco mais os colegas, não fugir mais da sala de aula e quase não xingar mais. O monitor acrescentou que o garoto já estava mais sociável e aprendendo regras. Então foram acrescentadas quais as estratégias e recursos utilizados em sala de aula para incluir o aluno e promover o seu desenvolvimento. A professora falou que as aulas eram mais dinâmicas, com

música, apresentações e jogos dirigidos (dominó, pega-varetas, cubo-mágico etc.) e que o aluno participava de tudo, inclusive do futebol no horário de recreação na quadra. O monitor acrescentou que o aluno gostava muito de brincadeiras, som, celular, brinquedos que emitem som e jogos mesmo sem compreender as regras. Para ele, o maior desafio seria o aluno compreender e aceitar regras. A professora salientou que são muitos os desafios, mas o maior deles é socializá-lo no dia em que a criança chega à escola, irritado, brigando e xingando.

Ao perguntar se na atuação com o aluno eles viam alguma possibilidade na promoção do seu desenvolvimento, a professora explicou que o aluno deve ser tratado com carinho, contudo as pessoas devem agir com pulso firme para que ele possa compreender e seguir regras. O monitor acredita que deveria ser explorada a tecnologia por ele gostar muito dessa área, especialmente o computador.

Foi levantada a questão sobre a importância do acompanhamento familiar. A professora comentou que o acompanhamento é feito por um senhor que não tem nenhum parentesco com a família, mas é quem leva e busca o aluno na escola, auxilia no cumprimento das regras e sempre comparece à escola mesmo quando não é solicitado. O monitor não vê acompanhamento por parte da família, a não ser o padrasto que sempre está presente.

Procuramos saber se a professora atual ou o monitor tiveram alguma informação por parte dos professores anteriores apresentando propostas pedagógicas positivas, bem como o que mais o entusiasmava e as ferramentas que facilitava o desenvolvimento desse aluno. A professora respondeu que teve apoio dos demais professores, do monitor, da direção e até mesmo da própria família, já o monitor falou simplesmente que não.

Para finalizar foi pedido que falassem um pouco o que eles consideravam importante no desenvolvimento da criança. A professora considerou que o aluno deve ser acompanhado constantemente, pois a família precisa orientá-lo por meio de conversa para evitar agressões físicas porque foi algo observado com freqüência e a escola deve ficar sempre atenta. O monitor acrescentou que o aluno deve continuar na escola com atendimento diferenciado e de preferência com um monitor exclusivo para ele.

4.3. Visão da direção da escola

Foi realizada uma entrevista com a vice-diretora, formada em pedagogia e que está no cargo há nove anos. A mesma representou a direção da escola que há seis anos está no processo de inclusão. Quando perguntado se o aluno, ao ingressar na escola já tinha

diagnóstico e como se deu esse processo, ela respondeu que ele ainda não tinha diagnóstico e estava matriculado nesta escola há três anos. No seu primeiro ano escolar, a equipe psicopedagógica fez todos os encaminhamentos necessários enquanto a direção cobrava a responsabilidade da mãe. Somente no segundo ano de escolaridade saiu o diagnóstico que garantiu o direito da criança a ter, no ano seguinte, uma turma reduzida, como também atendimento na sala de recursos pelo menos uma vez por semana e adequação curricular. Acrescentou ainda que essas foram as adaptações feitas pela escola para melhor atender esse aluno.

Em relação aos recursos que a escola possuía para atender o aluno, a vice-diretora afirmou que a instituição tinha espaço físico adequado, sala de recursos e eram feitas as adequações curriculares. Em relação à escolha da professora sempre acontecia no início do ano de acordo com a pontuação estabelecida pela Secretaria de Educação. Não é a direção que escolhe a professora e sim é a professora quem escolhe a turma. Durante o ano em curso (2010) a turma teve duas professoras. A primeira passou pouco menos de três meses e saiu. Depois, a Diretoria Regional de Ensino da cidade enviou uma professora de contrato temporário.

Por fim foi perguntado qual era a aproximação da família com a escola e se esta família poderia ser considerada como participativa no processo de ensino-aprendizagem desse aluno. Ela relatou que a escola procura sempre a família para informar sobre as ocorrências em relação ao aluno, solicitar alguns documentos e cobrar acompanhamento na vida escolar do aluno. Considera a família parcialmente participativa, pois quem acompanha a criança, na maioria das vezes, é um senhor que se diz amigo da mãe, porém ela afirmou que ele é o padrasto.

4.4. Visão da professora da sala de recurso

Ao realizar a entrevista com a professora da sala de recurso que atende a criança uma vez por semana, constatou-se que o aluno só veio ter um diagnóstico há um ano, tempo em que vem sendo atendido. Embora a previsão de atendimento seja uma vez por semana nem sempre ele comparece. Solicitou-se à professora para falar sobre quais tipos de atividades eram desenvolvidas com ele e se ao realizar as atividades propostas ele demonstravam interesse ou não. A professora relatou que planejava as atividades no intuito de desenvolver a

parte motora como: blocos lógicos, cobrir pontilhados, pintura, trabalho com o alfabeto móvel e jogos com bola. Mas ele realizava apenas as atividades lúdicas demonstrando maior interesse, contudo não gostava e quase sempre não realizava as partes que requer registro, demonstrando assim um grande desinteresse.

Sobre a utilização de alguma metodologia específica a professora relatou que preferia planejar atividades lúdicas visando desenvolver a atenção e concentração do aluno e que o mesmo demonstrava bastante entusiasmo em atividades desenvolvidas com bola e mais desmotivado com atividades que exigiam a escrita, ou seja, que necessitaria o uso das mãos.

Considerando que o aluno era atendido desde o início do ano letivo, foi perguntado se a professora havia observado quais as potencialidades e as limitações apresentadas pelo aluno. Ela descreveu o aluno como atento, observador, afetuoso e com facilidade de memorizar o que lhe é interessante. A maior limitação é o que envolve a parte motora fina, pois ele apresenta bastante dificuldade e não demonstra interesse.

Durante a entrevista a professora explicitou sobre o compromisso da família no processo de ensino-aprendizagem. Ela comentou que a mãe demonstrava interesse, porém não estimulava a criança. A professora também não conseguia entender o conflito existente entre a mãe e o padrasto, pois quando solicitada a presença da mãe, o padrasto era quem comparecia e sempre falava que qualquer problema poderia resolver com ele sem necessidade de comunicar a mãe.

Por fim foi pedido que a professora acrescentasse o que ela julgaria como importante ou necessário para o desenvolvimento da criança. Ela falou que em primeiro lugar seria necessária a ajuda da família e acreditava que o uso da tecnologia poderia contribuir muito no seu desenvolvimento por ser uma coisa que a criança gosta muito. A mesma citou como exemplo o uso do computador com atividades adaptadas para o nível.

4.5. Visão das professoras anteriores

Na entrevista realizada com as professoras anteriores foi perguntado o modo como elas reagiram no primeiro momento em que conheceram o aluno. A primeira professora relatou que fez uma reflexão sobre a sua própria formação, pois se sentia despreparada, sem conhecimento do assunto e com uma sensação de que não daria conta. A segunda respondeu que sentiu insegurança e medo.

Após conhecer a turma, a primeira professora não soube dizer quais expectativas ela tinha em relação ao aluno, mas acreditava na possibilidade de socialização e do desenvolvimento da coordenação motora grossa, pois o mesmo tinha dificuldade para segurar o lápis. Enquanto a segunda falou que mesmo conhecendo as dificuldades apresentada pelo aluno, acreditava que era possível socializá-lo com os demais e via como possibilidade que ele tivesse uma aprendizagem afetiva e não conteudista.

Foi pedido para que as professoras citassem quais as potencialidades e limitações que elas observaram no aluno no decorrer do ano letivo. A primeira fez a observação que o aluno vinha do lar, sem apresentar nenhum pré-requisito cognitivo, porém demonstrava uma incrível memória em decorar o nome dos colegas, dos professores da escola e dos funcionários, também apresentava interesse por música. Demonstrava desinteresse por atividades que necessitava de concentração como desenho, pintura, ouvir histórias etc, e também não era bem aceito pelos colegas por gostar de bater. A segunda relatou que o aluno não apresentou avanço satisfatório para o nível da turma a qual ele estava inserido (2ª série), porém ao ser desenvolvido um trabalho diversificado com psicomotricidade, coordenação motora grossa e trabalho com música, notou-se um avanço significativo.

Em relação às atitudes tomadas com intuito de ajudar a acriança no processo de ensino-aprendizagem, a primeira professora salientou que foram realizados trabalhos em grupos, duplas produtivas, porém nada funcionou. Com a chegada do monitor para auxiliá-la foi desenvolvida atividades adaptadas que também não surtiu efeito nem mesmo no relacionamento com o grupo, pois às vezes era necessário tirá-lo da sala de aula. A segunda relatou que fez um trabalho de conscientização com a turma em relação ao aluno, com a família e contou com a ajuda da coordenação pedagógica e a Equipe Especializada de Apoio à aprendizagem – EEAA.

Sobre o apoio prestado pela equipe pedagógica, psicopedagógica e direção da escola, a primeira professora falou que havia planejamento durante as coordenações pedagógicas e tinha sido feita a adaptação curricular. A segunda concordou que havia solidariedade e trabalho em equipe.

No momento em que foi perguntado se as expectativas em relação ao aluno foram alcançadas, a primeira professora respondeu categoricamente que não. Enquanto a segunda falou que nem todas, pois como educadora ela gostaria de ir além para conseguir ver o sucesso do aluno.

Solicitou-se às professoras para falar sobre o que foi bom e o que poderia melhorar no processo de ensino-aprendizagem durante o ano. A primeira professora falou que o primeiro passo seria a formação continuada para ela poder se sentir preparada. A segunda respondeu que foi bom porque teve o apoio de toda a escola, embora tivesse uma turma muito cheia com vários outros problemas.

Observou-se, na conclusão do ano letivo, que o avanço apresentado pelo aluno, na opinião da primeira professora foi o respeito que ele aprendeu a ter com ela e os colegas. A segunda respondeu que houve avanço, pois o mesmo estava mais sociável.

Por fim foi pedido que elas falassem o que julgavam necessário em relação ao aluno. A primeira professora falou que deveria ter mais preparo deles mesmos, que os limites do aluno deveriam ser respeitados e que houvesse trabalho em conjunto com todos: professores, coordenadores, orientador, EEAA etc. A segunda explicou que diante de todas as dificuldades encontradas teve o apoio da equipe escolar (direção, coordenação, orientação e equipe psicopedagógica). Fato que ajudou no processo de diagnóstico garantindo ao aluno direito de freqüentar uma turma reduzida no ano seguinte.

5. DISCUSSÃO TEÓRICA DOS RESULTADOS

A educação inclusiva vem sendo motivo de estudos e pesquisas para muitos pensadores. Já houve algumas reformas nessa área, mas ainda falta muito para que possamos ter uma sociedade com direitos e deveres iguais e, a exclusão deixe de ser o vilão principal da educação e da sociedade de um modo geral. A deficiência intelectual teve várias nomenclaturas durante todo esse período como também houve mudanças nas concepções das pessoas, o que indica um avanço, embora ainda pequeno.

O presente estudo teve então como objetivo a investigação do histórico de vida de uma criança desde a gestação até o momento da pesquisa, como também conhecer e comparar as percepções dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem do aluno com deficiência intelectual. Foram elas: a família, a professora atual, o monitor que auxilia a professora, a direção da instituição a qual a criança estuda, a professora que atende o aluno na sala de recursos e as professoras anteriores.

Observou-se uma grande controvérsia em relação ao período em que ocorreu o diagnóstico do aluno não havendo um senso comum entre família e escola. A mãe afirma que procurou um especialista quando a criança ainda tinha um ano e oito meses, período em que obteve o diagnóstico, acrescentou ainda que ao matricular a criança na escola pública informou à Instituição que a criança necessitava de atendimento especializado.

A direção da escola relatou que a equipe psicopedagógica fez todos os encaminhamentos necessários enquanto eles cobravam a responsabilidade da mãe e que ao ser matriculado na escola não tinha nenhuma informação sobre a deficiência do aluno. Somente no segundo ano de escolaridade houve o diagnóstico, período em que a criança já estava com oito anos de idade. O tempo de espera não foi tão longo como de costume, pois a necessidade de atendimento especializado era visível na criança. No final do mês de outubro do ano de 2009, após exames médicos, a equipe psicopedagógica concluiu que se tratava de um aluno com quadro de Deficiência Intelectual, pois o relatório médico indicava CID: G 40.9 (epilepsia não especificada com convulsões e crises) e G81 (Hemiplegia flácida).

Ainda em relação ao diagnóstico, a professora da sala de recurso constatou que só este ano o aluno veio ter atendimento nesse setor, pois ainda não era atendido devido a falta de diagnóstico.

Esse achado demonstra que entre a família e a escola deve haver maior intercâmbio e confiabilidade de ambas as partes, sendo possível formar-se uma bela parceria defendida por Tiba (2002). Segundo o autor a "escola percebe facilidades, dificuldades e outras facetas na criança que em casa não eram observadas, muito menos avaliadas" (p.182). Da mesma forma, cabe salientar que a família pode trazer informações preciosas para a escola, que ainda não foram observadas pelos profissionais do contexto escolar, daí a importância de um intercâmbio contínuo entre a escola e a família.

Quanto a reação da família, especificamente a mãe, diante do diagnóstico: foi a não aceitação do que dizia o médico, pois segundo ela: "*ele tá crescendo direitinho, tá falando melhor, se comportando melhor, tá completamente diferente do que ela falou*".

Já as professoras ao se deparar com o aluno em sala de aula foi refletir sobre a sua formação, pois se sentia despreparada.

Esses dados sugerem que família e professores ainda não estão preparados para lidar com a deficiência. Observa-se também a preocupação dos professores sugerindo preparação adequada. Porém a Declaração de Salamanca (1994) enfatiza o direito da criança à educação, endossando que cada indivíduo é único com interesses e habilidades distintas sugerindo a implementação de programas educacionais observando a diversidade, combatendo a discriminação e formando uma sociedade inclusiva onde todos tenham direito à educação.

Sobre os interesses apresentados pela criança, a mãe afirmou ser referentes à tecnologias, onde o garoto gosta inclusive de abrir os equipamentos para ver como funcionam (celular, máquina fotográfica, MP3, rádio). A mãe destacou que o maior interesse da criança é o computador e de andar de ônibus. Já a professora atual relatou que a criança demonstra maior interesse por música e dança e sempre diz que anda de ônibus; E o monitor afirma que é todo objeto que emite som. A professora da sala de recursos explica que ele tem interesse por atividades lúdicas, mas especificamente a bola.

De acordo com os resultados, apenas duas pessoas perceberam o interesse da criança por ônibus, mas a maioria concorda que a criança se identifica mais com a musicalidade. Em relação ao brinquedo e atividades lúdicas explica o que diz *Vigotski (2010) "*é enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança*" (p.112)*, ou seja, a curiosidade em abrir o rádio é para saber como ele toca. Sugere-se o uso de materiais lúdicos tecnológicos

e musicais nas estratégias pedagógicas para o processo de ensino e aprendizagem, pois esses mostram-se fatores de motivação para a criança

Sobre o comportamento do aluno diante das dificuldades, a mãe diz que ele fica nervoso, xinga e depois procura um canto e fica sentado bem quietinho. A professora atual relata que o comportamento é inconstante, às vezes apresenta-se muito agitado, arrastando cadeira, gritando, batendo porta, mas tem dias que chega muito calmo e até dorme em sala de aula. O monitor completa que ele frequentemente anda em sala e às vezes dorme.

Sobre as potencialidades e limitações observadas no aluno, observa-se divergência nas falas dos participantes. A mãe relata que ele pouco se concentra, exceto com os instrumentos tecnológicos; a professora atual por sua vez diz que ele tem potencial com atividades musicais e recreação livre e limitações com atividades que envolvem coordenação motora fina e em atividades que necessita de atenção, concentração por muito tempo seguido. Já o monitor avalia que o potencial é muito pequeno porque desenvolve devagar e as limitações são muitas em relação a realizar atividades escritas. A professora da sala de recursos diz que ele é atento, observador, afetuoso, memoriza com facilidade o que lhe interessa e limitações é a parte motora fina, ele tem dificuldade e não tem interesse. E as professoras anteriores citam o potencial para guardar nome de pessoas e potencial em relação à música (que inclusive o tranqüiliza quando o escuta).

Os resultados desta discussão demonstram que tanto a família como os professores percebem que há um potencial no aluno que deve ser valorizado e trabalhado, porém quando se trata das dificuldades apresentadas ainda se sentem despreparados sem saber como superar tal dificuldade. Nesta questão cabe citar Cury (2003) quando fala que “os problemas sempre existirão, mas só temos de resolvê-los se forem solucionáveis, caso contrário é preciso aceitar as nossas limitações, mas jamais devemos gravitar na órbita dele” (p.30). Isso demonstra que tanto aluno quanto pais e professores vão, em algum momento, se depararem com problemas de difícil solução. Isso não significa que o problema deva ser ignorado e sim, que é preciso procurar todos os recursos possíveis como também contar com ajuda de outras pessoas.

Quanto às expectativas, a mãe sonha alto, isto é, com o filho recuperado, a epilepsia controlada e com um futuro normal. A professora atual tem expectativa em socializá-lo. O monitor espera que a criança aceite melhor as brincadeiras e aprenda regras sociais e as professoras anteriores não tiveram suas expectativas alcançadas que seria a socialização.

Em relação às expectativas do desenvolvimento do aluno, os resultados indicam que os educadores apresentam expectativas para um curto prazo que é a socialização do aluno, porém a socialização é algo necessário para a vida toda. Lembrando que a escola é um meio social e o contato com as outras crianças, seja nas brincadeiras ou no dia a dia ajuda no desenvolvimento da criança, inclusive na elaboração das regras. De acordo com Oliboni (2009), cabe ao professor "analisar o meio em que a criança vive oferecendo-lhe um ambiente propício para que todos possam se desenvolver" (revista Nova Escola, dez/2009). Enquanto a mãe vai além, e tem expectativa que o filho será uma pessoa normal. Diante disso é possível que a mãe ainda não aceitou o diagnóstico do filho, ou, precisa, também de acompanhamento no que tange às informações a cerca das características do filho, bem como um acompanhamento enquanto mãe de uma criança com necessidades educacionais especiais e, também, como mulher. Esse achado está em consonância com Falkenbach, Drexsler e Werler (2008), pois eles acreditam que "a falta de informação e o preconceito podem fazer o processo de aceitação da criança pelos seus pais ser doloroso, justamente por não saber a respeito da deficiência que a criança possui" (Ciência & saúde coletiva, p.5).

A mãe relata que, sobre o processo de interação do filho com outras pessoas, em casa ele não se relaciona nem com os irmãos, já professora atual e o monitor afirmam que o relacionamento com o grupo é muito bom, a maioria da turma gosta dele. Esse dado mostra que existem divergências entre as pessoas mais próximas da criança e, de acordo com LURIA(2010) é necessário que a criança se comunique com os outros à sua volta e assim desenvolvam relações com objetos através da ajuda de adultos.

No que se refere às atitudes, estratégias e recursos, as repostas obtidas e as propostas utilizadas para que haja de fato inclusão do aluno em estudo, isto é, o que cada ator envolvido no dia a dia da criança tem feito para ajudá-lo. A mãe se ateve ao compromisso de mandá-lo para a escola. Já a professora atual procurou dinamizar as suas aulas com brincadeiras, músicas e jogos incentivando sempre a criança a participar. Enquanto o monitor também utilizou jogos e brincadeiras e, acrescentou ainda o uso do celular para a criança ouvir música e uma harpa de brinquedo que tem na escola que ele gosta muito.A professora da sala de recursos por sua vez realiza atividades lúdicas com vistas a desenvolver a atenção e consequentemente a concentração. A primeira professora tentou integrá-lo ao grupo, planejando atividades adaptadas e realizando duplas produtivas, onde uma criança mais "adiantada" ajuda a outra na realização de tarefas. Porém não obteve o resultado desejado que era no mínimo, de socialização. A segunda professora realizou atividades de conscientização

da turma em relação à deficiência do aluno, trabalho com a família e contou com o auxílio da Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem – EEAA – e a coordenação pedagógica.

De acordo com os resultados pode-se observar que cada responsável tentou à sua maneira ou com auxílio de outros, realizarem atividades que auxiliassem no desenvolvimento do aluno e assim poder integrá-lo ao grupo. Vigotski (2010) e outros clássicos da literatura psicológica informam que "o desenvolvimento é sempre um pré-requisito para o aprendizado e que, se as funções mentais de uma criança não amadureceram a ponto de ela ser capaz de aprender um assunto particular, então nenhuma instrução se mostrará útil" (p.88), ou seja, eles temem instruções prematuras antes que a criança esteja pronta para aprender um determinado assunto. Fato que está relacionado à Zona de Desenvolvimento Proximal - ZDP, pois diz respeito às funções que ainda não amadureceram, tornando-se necessária a mediação para que a criança possa se desenvolver. Sobre esse achado Ferreira (2007) sugere que "à medida que se avança no currículo escolar regular, o aluno com dificuldades intelectuais requer mais e mais apoio, principalmente do docente" (p.7). Vale salientar que a maioria dos professores espera um resultado imediato e, no entanto, quando se refere ao aluno com necessidades educacionais especiais, a aprendizagem é mais lenta e o seu ritmo deve ser respeitado.

Em relação à participação da família, notou-se um pouco de ausência por parte da mãe, visto que quem acompanha a vida escolar do aluno é um senhor que até a presente pesquisa não se sabia qual o grau de parentesco com a criança, só durante a realização deste estudo, a mãe afirmou que ele é o padrasto da criança. Essa ausência da mãe pode ser justificada pelas "dúvidas e incertezas que ela apresenta em relação à deficiência" (Falkenbach, Drexsler e Werler, 2008). Portanto a família foi considerada, na instituição como parcialmente participativa. Esse dado está em desacordo com Tiba (2002) ao citar que "os critérios educativos devem ser combinados entre pais e escola e acrescenta os três personagens mais importantes: mãe, pai e escola" (p.183) no desenvolvimento da criança.

Para o sucesso da inclusão escolar do aluno com deficiência Intelectual bem como o seu desenvolvimento, os resultados mostram algumas sugestões de ações a serem trabalhados e que são orientados por Luria (2010) em que "as primeiras relações sociais devem ser valorizadas considerando que todos os valores ambientais são decisivos na aprendizagem do aluno e a importância do processo de imitação no desenvolvimento da criança desde o nascimento". (p. 23-24) e Vigotski (2010) quando fala que "a criança à medida que se torna mais experiente, adquire um número cada vez maior de modelos que ela compreende. Esses

modelos representam um esquema cumulativo refinado de todas as ações similares, ao mesmo tempo em que constituem um plano preliminar para vários tipos possíveis de ação a se realizarem no futuro" (p. 7-8). Na sua concepção o processo educacional é uma prática social dialógica mediada pela linguagem e pela sociedade. Considerando as limitações apresentadas pela criança pode-se constatar que houve um avanço no seu desenvolvimento durante os três anos de vida escolar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1. Introdução

Baseados nesse estudo de caso, no qual escola e família exercem papel fundamental no desenvolvimento da criança com deficiência intelectual, podemos compreender o processo de inclusão e exclusão como sendo um fator social e, portanto responsabilidade de todos. Tal responsabilidade cabe aos pais, educadores e o poder público e, deve ser iniciada desde o nascimento da criança. Muitas crianças são excluídas por apresentarem algum tipo de dificuldade na aprendizagem e, no entanto precisa-se de um diagnóstico para que ela possa ter seus direitos garantidos. Acreditamos que o professor, considerado mais esclarecido que algumas famílias, deve procurar preservar esses direitos oferecendo uma educação de qualidade e buscando os melhores meios para ajudar a criança, como também as famílias destas crianças. Os alunos poderão ser incluídos à medida que o professor aceitar a diversidade existente entre os seres humanos e suas complexidades. Dessa forma será possível ajuda-los na construção do conhecimento oportunizando a interação com o outro, sendo mediador, conhecendo o histórico da criança e considerando o meio social em que o indivíduo está inserido.

6.2. Resumo

A presente pesquisa teve como foco principal analisar as percepções da família, professora atual, monitor, direção, professora da sala de recursos e as professoras anteriores de uma criança com deficiência intelectual de uma escola pública do Distrito Federal. Foi realizada uma pesquisa qualitativa e utilizado como instrumento de construção de dados entrevista semi-estruturadas com todos os envolvidos. Abordamos como referencial teórico os estudos de Vigotski e seus seguidores. Estudamos um pouco da trajetória da educação inclusiva no Brasil, a escola como espaço social, a deficiência intelectual no contexto escolar e a família como principal parceira da escola. O estudo revelou que a inclusão escolar no Brasil, tem sido motivo de pesquisa de vários estudiosos na intenção de garantir o direito às pessoas excluídas da sociedade, consequentemente aos deficientes. Revelou ainda que as escolas têm procurado se adaptar às normas para melhor atender o aluno que necessita de atendimento especial, porém ainda encontra muitas barreiras devido a sua complexidade. Apesar de existir uma consonância entre os profissionais de educação no que diz respeito ao desenvolvimento do aluno em questão, estes se sentem despreparados, mas demonstram preocupações em buscar formação adequada, isto é, a falta de conhecimento torna-se

obstáculo para atender este aluno em sala de aula no ensino regular. A família acredita no trabalho desenvolvido pelos professores e demonstrou satisfação com o desenvolvimento da criança. Os dados revelam que a parceria família e escola são imprescindíveis para o desenvolvimento do educando no processo ensino-aprendizagem, mas ainda necessita que a família tenha confiança na instituição colaborando com as informações para facilitar o diagnóstico e os procedimentos metodológicos. Em suma, apesar dos avanços ocorridos em relação à educação inclusiva, do comprometimento dos professores, as práticas pedagógicas nem sempre contemplam o aluno com deficiência intelectual, pois não promovem mudanças significativas no processo ensino-aprendizagem, visto que os professores procuram, no mínimo, socializar estas crianças.

Diante dos resultados desta pesquisa foi possível perceber que os professores sentem a necessidade de estarem sempre participando de cursos de formação continuada, pois só assim poderão garantir o direito à inclusão ofertando um ensino de qualidade, como também, estar a par da realidade.

6.3. Recomendações para futuros estudos:

Com base nos achados sobre a inclusão de alunos com deficiência intelectual, recomenda-se que, em estudos futuros sejam apontadas experiências significativas que funcionaram, ou seja, que este aluno não seja apenas mais um número nas estatísticas de inclusão no ensino regular, mas que tenha a garantia de aprendizagem.

7. REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria.C.V.D. A família na educação. Disponível em http://www.fe.unb.br/linhascriticas/linhascriticas/n 7-8 1999.

BARBATO, Silviane., Deficiência mental em sala de aula: para além da naturalização de concepções e práticas. Disponível em http://www.fe.unb.br/linhascriticas/linhascriticas/n_19 2004.

BRASIL, Assembléia Nacional Constituinte. Constituição da República Federativa do Brasil, Brasília - DF; Senado Federal. 2001/2002.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

CARVALHO, M. de F. Conhecimento e vida na escola: convivendo com as diferenças. Autores Associados de Campinas/SP e Unijuí de Ijuí/RS, 2006.

CURY, Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes – Rio de Janeiro, Sextante, 2003.

DESSEN, Maria.A.; POLONIA, Ana.C. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. Ribeirão Preto. Disponível em www.scielo.br. Jan/ abr.2007.

FALKENBACH, Atos. P.; DREXSLER, Greice.; WERLER, Verônica. A relação mãe/criança com deficiência: sentimentos e experiências. In ciência & Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. Disponível em http:// www.scielo.br. 2008.

FERREIRA, J. R.; A exclusão da diferença, Piracicaba. UNIMEP. 1993

FERREIRA, Maria C.C. Projeto Pedagógico e a Educação Especial. In: mine-curso no IV congresso brasileiro Multidisciplinar de Educação Especial. Londrina, 29 a 31 de outubro de 2007b

GARCIA, Rosalba, M. C. Interações voltadas à cidadania e à filantropia na escolarização de sujeitos que apresentam seqüelas motoras. XXII reunião anual da ANPED. Caxambu. 1999.

JUNIOR,Guanis.B.V.; A pesquisa qualitativa, disponível em http://www.guanis.org/metodologia/_a_pesquisa_qualitativa.pdf.

LURIA, Alexander.R. Desenvolvimento cognitivo. 6ª edição – São Paulo: ícone, 2010.

MACIEL, Diva.A.; BARBATO, Silviane. Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar. Brasília - DF, Universidade de Brasília, 2010.

MEC, http//portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf.

MENDES, Enicéia. G. Revista Brasileira de Educação – AnPEd – radicalization of the debate on school inclusion – Rio de Janeiro – Brasil. Disponível em http:// www.scielo.br. Set/dez. 2006.

MIRANDA, A.; História, deficiência e educação especial. Reflexos desenvolvidos na tese de doutorado: A prática pedagógica do professor de alunos com deficiência mental. São Paulo. Unimep. 2003.

MONTEIRO, Mariângela S.; Ressignificando a educação: a educação inclusiva para seres humanos especiais. Disponível em www.educacaoonline.pro.br. 2004

PADILHA, Ana M.L. Práticas pedagógicas na Educação Especial – a capacidade de significar o mundo e a inserção cultural do deficiente mental. Autores Associados, São Paulo, 2001

____A constituição do sujeito simbólico: para além dos limites impostos pela deficiência mental. In: Anais da 24ª Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, MG, 7 a 11 de outubro de 2001ª.

____Possibilidades de histórias ao contrário ou como desencaminhar o aluno da classe especial. 3ª edição revista ampliada. São Paulo, Plexus, 2004.

____Práticas pedagógicas e a inserção sócio-cultural do deficiente. A complexidade da proposta. In: MANZINI, Eduardo José (org). Inclusão e acessibilidade. ABPEE, Marília/ SP, p. 43-50, 2006.

OLIBONI, Samara.; Revista Nova Escola Ano XXIV. N.228, - Inclusão – evite o bullying contra alunos com deficiência. São Paulo, Abril, 2009.

TIBA, Içami. Quem ama educa, 43ª edição. São Paulo, Gente, 2002.

VIGOTSKI, Lev.S. Fundamentos da defectologia (obras escogidas), volume V. Visos. Madrid, 1997.

____A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

____A formação social da mente, São Paulo, Martins Fontes, 2010.

____Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: Vigotski, L.S; LURIA, A.R.;LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo, Ícone, 2003.

____Psicologia pedagógica. Martins Fontes, São Paulo, 2004.

8. APÊNDICE

8.1. Apêndice 01: entrevista para a família

Nome da criança: _____

Data de nascimento: _____/_____/_____. Idade:_____

Que membro da família foi entrevistado?_____

Quem mora na casa junto com a criança?_____

Escolaridade da mãe_____

Idade da mãe_____

Profissão da mãe:_____

Escolaridade do pai:_____

Idade do pai: _____

Profissão do pai:_____

Tem irmãos ( ) sim ( )não. Se sim, quantos_____

1 - Algum outro irmão apresenta algum tipo de Necessidade Especial? Se sim, que tipo?

_____

_____

2- Tempo de gestação. Como foi?_____

_____

_____

_____

3 - Quadro apresentado ao nascer: (apgar, peso, tamanho etc.)

_____

_____

_____

_____

4 - Apresentou alguma deficiência ao nascer?

_____

_____

_____

5 - Quando e como foi dado o diagnóstico?

_____

_____

_____

6 - Qual foi a reação da família?

_____
_____
_____

7 - Com quem mora?

_____
_____

_____
_____

8 - Em casa demonstra interesse por alguma coisa especial? O que?

_____
_____
_____

9 - Quais os seus maiores interesses?

_____
_____

10 - Como se comporta diante das dificuldades e interesses?

_____
_____
_____

11 - Como é o dia da criança desde a hora que acorda até a hora que dorme? Alguém fica com ele? Quem?

_____
_____

_____
_____

12 - O que o seu filho gosta de fazer e o que ele sabe fazer bem? (Ler, escrever, brincar com jogos, videogame, etc)

_____
_____

13 - A criança brinca de quê e com quem?

_____
_____

_____
_____

14 - Qual foi a primeira escola (Instituição) que a criança freqüentou ? Quantos anos ele tinha?

_____
_____
_____

15 - O que a família acha da escola onde a criança estuda?

_____
_____
_____

16 - Quais as suas limitações?

_____
_____
_____

17 - Possui acompanhamento médico? Qual o período? Onde?

_____
_____
_____

18 - Quando o seu filho vai ao médico, o que os médicos dizem sobre o desenvolvimento dele? Explicam o que significa a deficiência que ele tem e quais as implicações para o futuro?

_____
_____
_____

19 - Faz uso de alguma medicação? Qual?

_____
_____
_____

20 - A criança realizou algum tipo de exame mais específico como: eletroencefalograma (EEG), tomografia computadorizada (T.C) ?

_____
_____
_____

21 - A criança fez ou faz algum tipo de terapia? (fisioterapia, hidroterapia, equoterapia, acupuntura etc)?

_____
_____
_____

22 - Qual parte do corpo apresenta maior comprometimento?

_____
_____
_____

23 – Como você vê e sonha o futuro do seu filho?

_____
_____
_____
_____

24 - Outros

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

8.2. Apêndice 02: entrevista para a professora atual e o monitor

Nome do aluno: _____

Idade_____Série_____

Instituição onde estuda: _____

Nome do entrevistado: _____

Idade do Entrevistado_____ Gênero ( ) Feminino ( )Masculino

Curso de formação_____ Ano de Formação_____

1 - Durante os 3(três) primeiros bimestres, quais os avanços apresentados?

_____
_____
_____
_____

2 - Reconhece alguma letra? Quais? E as cores? Quais?

_____
_____
_____
_____
_____
_____

3 - Reconhece o próprio nome? E o dos colegas?

4 - Demonstra maior interesse por algo? O quê?

5 - Como é o seu relacionamento com o grupo?

6 - Como é a sala de aula onde a criança freqüenta?

7 - Qual o número de alunos?

8 - Como é a aceitação do grupo em relação à criança? E das famílias das outras crianças?

9 - Existem outros alunos com necessidades especiais na sala? Que tipo?

10 - Tem reforço em turno contrário? Se não, por quê?

11 - Existe um planejamento específico para o aluno? Com quem é elaborado?

12 - Como o aluno se comporta a maior parte do tempo?

13 - Realiza algum tipo de atividade pedagógica em sala? Qual tipo? (desenho, pintura, recorte, colagem, escrita, outros...)

_____
_____
_____
_____
_____

14 - Existem momentos ou atividades que o aluno se sente mais motivado e entusiasmado? Quais são?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

15 - Existem momentos, atividades ou disciplina que o aluno se sente menos motivado? Quais?

_____
_____
_____

16 - Quais as potencialidades e limitações que o aluno apresenta?

_____
_____
_____

17 – Que aspectos positivos você vê no desenvolvimento desse aluno em sala de aula e na escola?

_____
_____
_____

18 – Quais estratégias e recursos você tem utilizado em sala de aula para incluir esse aluno e promover o seu desenvolvimento?

_____
_____
_____

19 – Quais são os desafios do atendimento desse aluno?

_____
_____
_____

20 – Quais são as possibilidade de atuação, na sua opinião, com esse aluno para a promoção do seu desenvolvimento?

_____
_____
_____

21 - A criança tem acompanhamento da família? Quem?

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

22 – Você teve informações das professoras anterior apresentando propostas pedagógicas positivas que o aluno se mostrava mais entusiasmado ou ferramentas que facilitavam o desenvolvimento desse aluno?

_____
_____

_____

23 - Outras considerações que você julga importante:

_____
_____
_____
_____
_____

8.3. Apêndice 03: entrevista para a direção:

1- Nome da escola: _____

2- Equipe gestora: _____

_____
_____
_____
_____

3- Tempo de gestão nesta instituição: _____

4- Há quanto tempo esta escola é inclusiva?_____

5- Há quanto tempo o aluno Mateus estuda nesta escola?_____

6- Quando o aluno foi matriculado já possuía diagnóstico? Como se deu esse processo?

_____
_____
_____

7- Como foi feita a escolha da professora para a turma que este aluno pertence?

_____
_____
_____

8- A escola possui recursos para atender este aluno? Quais?

_____
_____
_____

9- O aluno tem atendimento com a equipe psicopedagógico? (sala de recursos, orientação etc.). Quantas vezes por semana?

_____
_____
_____

10- A escola precisou fazer algum tipo de adaptação para atender esse aluno? Quais?

_____
_____
_____

11- Há quanto tempo o aluno está matriculado nesta escola?

_____
_____

12- Qual a aproximação da escola com a família deste aluno?

_____
_____
_____

13- Vocês consideram a família participativa no processo de ensino-aprendizagem deste aluno?

_____
_____
_____

14- Outras considerações que julgarem necessárias: _____

_____
_____
_____

8.4. Apêndice 4: entrevista para a professora da sala de recursos

Nome da entrevistada:_____

Idade: _____ **Gênero ( ) Feminino ( )Masculino**

Curso de formação_____ **Ano de Formação**_____

1- Nome do aluno: _____

2- Idade: _____Série_____

3- Há quanto tempo a criança é atendida pela sala de recursos?

_____
_____

4- Quantas vezes por semana ele tem atendimento? Comparece no dia marcado?

_____
_____
_____

5- Quais os tipos de atividades que são desenvolvidas com ele?

_____
_____
_____

6- Realiza as atividades propostas?

_____
_____
_____

7- Demonstra interesse por alguma atividade? Ou desinteresse? Quais tipos?

_____
_____
_____

8- É utilizada alguma metodologia específica nas atividades desenvolvidas com o aluno? Quais?

_____
_____
_____

9- Existem momentos ou atividades que o aluno se sente mais entusiasmado? Quais?

_____
_____
_____
_____
_____

10- Existem momentos ou atividades que o aluno se sente mais desmotivado? Quais?

_____
_____
_____

11- Quais as potencialidades apresentadas pelo aluno desde o início do atendimento?

_____
_____
_____

12- Quais as limitações deste aluno?

_____
_____
_____

13- você considera a família deste aluno comprometida com o processo de ensino-aprendizagem? Justifique

_____
_____
_____

14- Outras considerações que você julgar interessante.

_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____
_____

8.5. Apêndice 5: entrevista para os professores anteriores:

Nome do entrevistado: _____

Idade_____ Gênero ( ) Feminino ( )Masculino

Curso de formação_____ Ano de Formação_____

01- Nome do aluno: _____

02- Idade: _____série:_____ano:_____

03- Quantos alunos tinham na turma?_____

05- No primeiro momento, qual foi sua reação em relação ao aluno em questão?

_____
_____
_____

04- Ao conhecer a turma, qual foi a sua expectativa em relação ao aluno?

06- Você viu possibilidades de aprendizagem no aluno? Qual? Por quê?

07- Quais as potencialidades e limitações apresentadas pelo aluno no decorrer do ano letivo? (conhecia, não conhecia, habilidades, dificuldades, interesses, desinteresses, comportamento, relacionamento....)

08- Que atitudes foram tomadas para ajudá-lo no processo ensino-aprendizagem?

09- Você teve apoio da equipe pedagógica, psicopedagógica e direção da escola? Que tipo?

10- Suas expectativas em relação ao aluno foram alcançadas?

11- O que foi bom e o que poderia melhorar no processo de ensino-aprendizagem durante o ano em questão?

_____
_____
_____
_____
_____

12- Ao concluir o ano letivo, o aluno apresentou algum tipo de avanço? Quais?

_____
_____
_____
_____

13- Outras considerações que você julgar necessário.

_____
_____
_____
_____
_____
_____

9. ANEXOS

A- Carta de Apresentação – Escola (Modelo)

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PG-PDS
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

A (o) Diretor (a)

Escola...

De: Profa. Dra. Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Assunto: **Coleta de Dados para Monografia**

Senhor (a), Diretor (a),

A Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília está em processo de realização da 1ª oferta do curso de Epecialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do qual seis dentre as 20 turmas ofertadas são de professores e educadores da rede pública do DF (polos UAB-UnB de Santa Maria e Ceilandia). Finalizamos agora a 1ª fase do curso e estamos iniciando a Orientação de Monografia.

È requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com colegas, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desses trabalhos tem como objetivo a formação continuada dos professores/servidores da rede pública, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como conseqüência uma educação inclusiva.

Informo que foi autorizada pela Secretaria de Educação por meio do ofício DEM datado de 28/10/2010, a realização das coletas de dados para as pesquisas na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal.

Informações a respeito dessa autorização podem ser verificadas junto a Secretaria de Educação por meio do telefone nº

O trabalho será realizado pelo professor/cursista..... sob orientação ....., cujo tema é: ..... possa ser desenvolvido na escola sob sua direção.

Desde já agradeço, colocando-me a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone (061)ou por meio dos e-mails:

Atenciosamente,

Diva Albuquerque Maciel

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores professores,

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem da criança com paralisia cerebral/ hemiplegia. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores e orientadores educacionais neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: entrevistas com os professores anteriores, atuais, da sala de recursos, monitor, direção da escola e a família com observações rotineiras e cotidianas do aluno gravadas em áudio e vídeo, no intuito de conhecer como se da o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, solicito sua autorização para participação no estudo.

Esclareço que esta participação no estudo é voluntária. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone ou no endereço eletrônico Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Maria Ivonete Correia Passos

Orientanda do Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – EsDH UAB – UnB

Concorda em participar do estudo? ( ) Sim ( ) Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia – IP
Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhores pais ou responsáveis.

Sou orientanda do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil - Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre o processo de ensino-aprendizagem da criança com paralisia cerebral/ hemiplegia. Este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades, com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores e orientadores educacionais neste contexto de ensino.

Constam da pesquisa: entrevistas com os professores anteriores, atuais, da sala de recursos, monitor, direção da escola e a família com observações rotineiras e cotidianas do aluno gravadas em áudio e vídeo, no intuito de conhecer como se da o processo de ensino-aprendizagem. Para isso, solicito sua autorização para que seu filho participe do estudo.

Esclareço que esta participação no estudo é voluntária. Seu filho poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar, sem que isto lhe acarrete qualquer prejuízo. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone ou no endereço eletrônico Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente,

Maria Ivonete Correia Passos

Orientanda do Curso de Especialização em
Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – EsDH UAB – UnB

Sim, autorizo a participação do meu filho neste estudo ( ) Sim ( ) Não

Nome: _____

Assinatura: _____

E-mail (opcional): _____